

RECREAÇÃO E LAZER

HELOÍSA DE F. TAVARES DANIACHI



IESDE
A Melhor Sempre!

Recreação e Lazer

Heloísa de F. Tavares Daniachi

IESDE
2020

© 2020 – IESDE BRASIL S/A.

É proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo, sem autorização por escrito da autora e do detentor dos direitos autorais.

Projeto de capa: IESDE BRASIL S/A.

Imagem da capa: ArdeaA/Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D184r

Daniachi, Heloísa de F. Tavares

Recreação e Lazer / Heloísa de F. Tavares Daniachi. - 1. ed. - Curitiba
[PR] : IESDE, 2020.

92 p.: il.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-387-6550-9

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Recreação. I. Título.

19-61664

CDD: 372.86

CDU: 379.84

Todos os direitos reservados.



IESDE BRASIL S/A.

Al. Dr. Carlos de Carvalho, 1.482. CEP: 80730-200

Batel – Curitiba – PR

0800 708 88 88 – www.iesde.com.br

Heloísa de F. Tavares Daniachi

Mestre em Ciências da Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Fisiologia do Exercício pela Universidade Gama Filho (UGF). Licenciada em Educação Física pela PUCPR. Atuou como professora em academias de ginástica e musculação, em escolas (ensino fundamental – anos iniciais e finais), no ensino superior, em cursos de pós-graduação *lato sensu* e na formação continuada de professores das redes pública e privada. É autora de livros sobre Educação Física escolar e atua na área editorial.

Vídeos em QR code!



Agora é possível acessar os vídeos do livro por meio de QR codes (códigos de barras) presentes no início de cada seção de capítulo.

Acesse os vídeos automaticamente, direcionando a câmera fotográfica de seu smartphone ou tablet para o QR code.

Em alguns dispositivos é necessário ter instalado um leitor de QR code, que pode ser adquirido gratuitamente em lojas de aplicativos.

SUMÁRIO

1 Lazer e recreação: conceitos, contexto histórico e função social 9

- 1.1 Recreação e lazer: conceitos e contexto histórico 10
- 1.2 Recreação, lazer e sua relevância social 13
- 1.3 Políticas públicas de Educação Física, recreação e lazer 19

2 Educação Física, recreação e lazer 25

- 2.1 A relação entre Educação Física, recreação e lazer 26
- 2.2 A formação profissional do recreacionista 29
- 2.3 O lazer em nossa sociedade 31

3 O jogo, o brinquedo e a brincadeira 39

- 3.1 O jogo e os aspectos histórico, filosófico, antropológico e social 40
- 3.2 Brinquedo e brincadeira: conceitos e possibilidades na recreação 47
- 3.3 A brincadeira e o jogo no desenvolvimento infantil 53

4 Atividades de recreação: do planejamento à avaliação 57

- 4.1 Planejamento: aspectos a serem considerados 57
- 4.2 Eventos de recreação e lazer: análise e preparação 62
- 4.3 Avaliação de eventos de recreação e lazer 68

5 Atividades de recreação e lazer 71

- 5.1 Atividades contextualizadas de recreação e lazer 71
- 5.2 Adequação metodológica das atividades propostas 74
- 5.3 Recreação e lazer no contexto escolar 76
- 5.4 Recreação e lazer em ambientes fechados 79
- 5.5 Recreação e lazer em ambientes abertos 85

APRESENTAÇÃO

Esta obra propõe o estudo da recreação e do lazer, desde o seu surgimento até os dias de hoje. Além disso, propomo-nos a discutir a importância da formação profissional do recreador e os atributos necessários para que ele desempenhe um papel relevante, organizado e eficaz na realização de planejamentos detalhados e funcionais em suas atuações.

No Capítulo 1, apresentamos os elementos históricos que possibilitam a discussão e a compreensão do lazer. Nesse sentido, serão demonstrados conceitos importantes para o recreador e o processo histórico do lazer, assim como as distintas possibilidades de atuação que lhe cabem em nossa sociedade.

Propomos, no Capítulo 2, o estudo da relação entre Educação Física e recreação e lazer. Como esta é uma área com diferentes possibilidades de atuação para o profissional de Educação Física, é importante compreender esses elementos em diferentes espaços. O ambiente escolar também é um dos objetivos do capítulo, tendo em vista a importância da formação continuada do recreador e a estruturação de eventos bem planejados e organizados.

O jogo, o brinquedo e a brincadeira – importantes ferramentas para a ação do recreador – são as temáticas discutidas no Capítulo 3. Veremos nesse capítulo as contribuições desses elementos para o desenvolvimento e a interação social. Discorreremos também sobre as possibilidades para a realização de atividades, de acordo com as características de cada público e evento.

No Capítulo 4, um aspecto primordial é abordado: o planejamento para a preparação, execução e avaliação das atividades de recreação e lazer. Vamos conhecer os elementos necessários para o planejamento de um evento e veremos que a preparação o torna organizado, fato que aumenta as chances de sucesso em sua realização.

Finalmente, no Capítulo 5, apresentamos algumas atividades de recreação e lazer, de acordo com cada tipo de evento. Sem a pretensão de apresentarmos um rol de atividades, nosso intuito é oferecer condições para que você possa elencar atividades em consonância com os conhecimentos adquiridos nesta obra. Para tanto, é importante levar em consideração elementos como espaço, público-alvo, material e formação da equipe de trabalho.

Bons estudos!

Lazer e recreação: conceitos, contexto histórico e função social

Neste capítulo, vamos nos apropriar – ainda que de maneira breve – de conhecimentos sobre lazer e recreação. É importante iniciarmos nossos estudos com a apresentação de conceitos, pois além de nos situarmos ao longo desta obra sobre as perspectivas do lazer e da recreação, poderemos compreendê-los por meio de seus pressupostos atuais e nacionais. Para tanto, vamos neste capítulo analisar o processo histórico relacionado à recreação e ao lazer bem como seu espaço na sociedade; relacionar os conceitos apresentados ao perfil do recreacionista e às possibilidades de atuação, discutindo a relevância da recreação e do lazer em diferentes contextos sociais.

Entender o que é recreação e lazer – e os conceitos que estão a eles associados – significa atribuir conhecimentos, cientificidade e intencionalidade ao que é proposto aos alunos e participantes, combatendo o estereótipo, que há tantos anos perdura, do lazer pelo lazer associado ao “não fazer nada”, ou do brincar como um ato vazio, que não deve ser levado a sério e que não tem objetivos e função social.

As reflexões aqui propostas fazem parte da formação do professor de Educação Física e do recreador, com o objetivo de torná-los profissionais responsáveis e conscientes da importância de sua atuação.

1.1



Recreação e lazer: conceitos e contexto histórico

Compreender o contexto histórico da recreação e do lazer propicia o entendimento de suas aplicações sociais. É importante relacioná-lo ao contexto em que os sujeitos praticantes estão inseridos, como parte de políticas públicas que têm finalidades subjetivas. Em outras palavras, cada praticante pode atribuir significados diferentes à prática realizada e, dessa forma, valorizar ou realizar essas práticas de acordo com seu tempo, condição socioeconômica, contexto político e de relações com o trabalho.

Cabe ressaltar que a dimensão social e histórica da recreação e do lazer, bem como os conceitos desenvolvidos e aprimorados – os quais foram se modificando de acordo com as transformações ocorridas na sociedade, sobretudo no entendimento da relação trabalho x descanso e da maneira como os homens estabelecem suas relações sociais –, passaram a integrar o conjunto de noções abordadas e estudadas nos cursos de Educação Física, bem como em outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, que pesquisam crescimento e desenvolvimento e as relações humanas. Segundo Werneck (1998), o incremento de práticas recreativas foi responsável pela criação dos cursos de formação profissional em Educação Física.

Para Marcellino (2012, p. 3), “o lazer possui antecedentes bastante longínquos, em termos de reflexão”. Com isso, o autor quer dizer que alguns estudos não se iniciaram preocupados com aspectos relacionados ao trabalho ou jornada/carga horária do profissional, mas sim reflexões que permeiam o ócio e o “não trabalho”, considerando aspectos sociológicos e filosóficos.

O conceito de *lazer* começa a se delinear a partir da Revolução Industrial¹, em especial no início do século XIX. Após a Revolução Francesa (1789), os ideais sociais, políticos e filosóficos (liberais) sofreram modificações; com isso, a sociedade local – que tinha um *modus operandi* baseado na manufatura e no mercantilismo – passa a atuar em grande escala e alcance com o surgimento de máquinas e indústrias. Esses adventos modificaram o funcionamento das sociedades. A Figura 1, a seguir, mostra um pouco do cotidiano dos trabalhadores nas grandes fábricas.

1

Para ampliar seus conhecimentos sobre a Revolução Industrial, indicamos leituras na área da Sociologia, em especial as obras de Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895) e Émile Durkheim (1858-1917).

Segundo Marcellino (2012, p. 3), as condições às quais eram submetidos os operários “desrespeitavam o mínimo de dignidade do ser humano”. Essas se tornaram objeto de algumas reflexões; em 1880 surgiu o primeiro “manifesto” a favor do lazer dos operários, o clássico *O direito à preguiça*, de Paul Lafargue (1842-1911).

Muito se observou e discutiu sobre o lazer no século XIX, mas foi somente no início do século XX que surgiram, nos Estados Unidos e na Europa, alguns estudos sistematizados sobre o tema.

Ainda nessa época, alguns países europeus e os Estados Unidos modificaram seus modos de produção, fato que obrigou os operários a realizarem grandes produções em extensos períodos.

Ainda segundo Marcellino (2012), o período após a II Guerra Mundial (1939-1945) contribuiu de maneira significativa para o aparecimento de novos estudos na área do lazer. Estes fundamentaram a importância social do lazer com base em sua origem histórica: a prática de atividades passa a abranger o lazer em uma perspectiva cultural e não mais somente relacionada às atividades físicas. Algumas modalidades esportivas são criadas em associações cristãs, como veremos adiante.

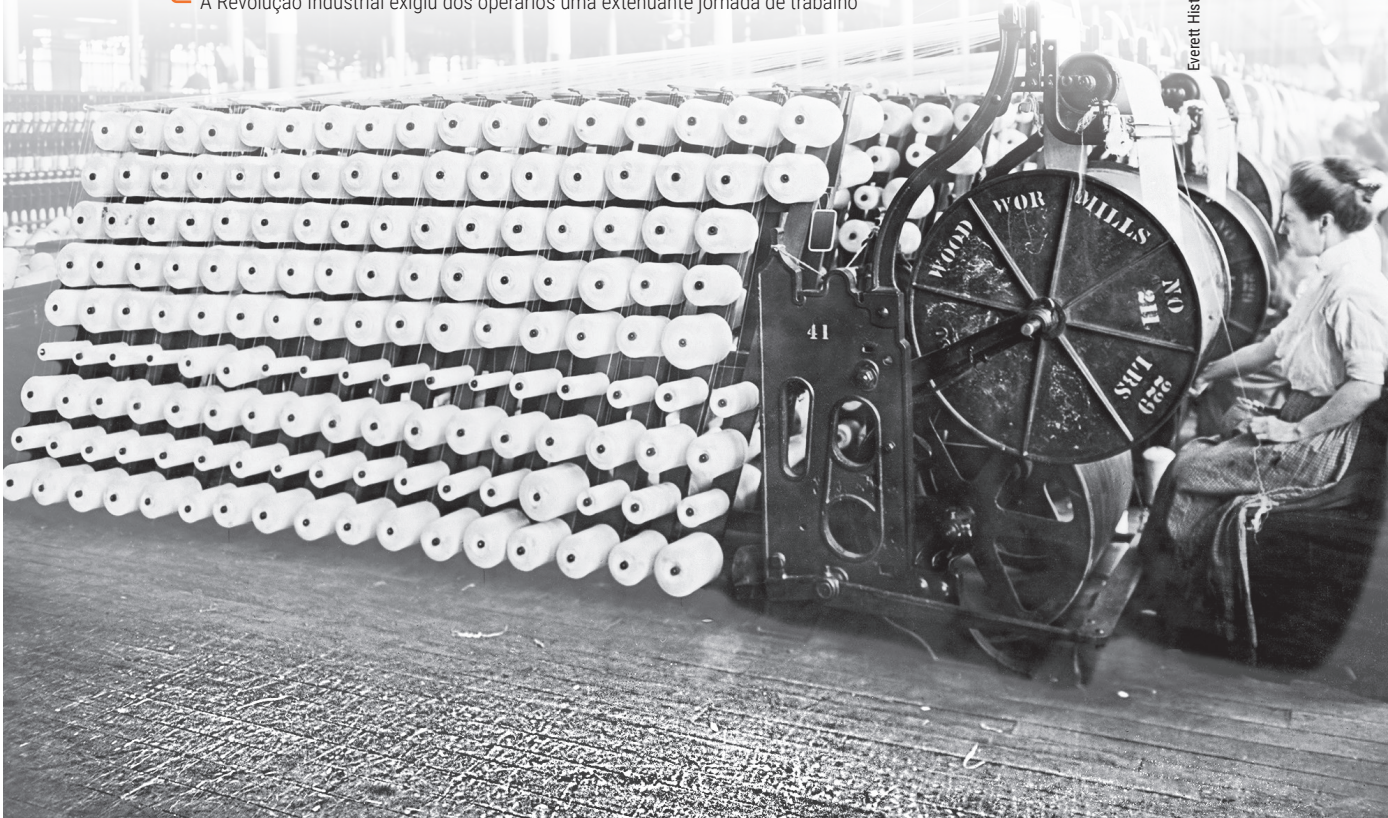
Saiba mais

As obras *Homo Ludens* (1938), de Johan Huizinga (1872-1945); *Elogio ao lazer* (1932), de Bertrand Russell (1872-1970) e *Teoria da classe ociosa* (1899), de Thorstein Veblen (1857-1929) até hoje são referências nas áreas de educação, recreação e lazer.



Figura 1

A Revolução Industrial exigiu dos operários uma extenuante jornada de trabalho



Everett Historical/Shutterstock

É importante ressaltar que os primeiros estudos sobre a Revolução Industrial e o lazer surgiram tanto em sociedades capitalistas quanto em socialistas. A discussão sempre permeava o universo do modo de produção e as condições de trabalho/descanso dos trabalhadores.

Esses estudos se ampliaram a partir da década de 1950, em sociedades que ainda estavam se estruturando e modernizando em termos industriais. Nesse sentido, o lazer passa a ocupar lugar de destaque, surgindo então alguns trabalhos sobre essa temática. As obras *O trabalho em migalhas* (1956), de Georges Friedmann (1902-1977), *A nova classe média (white collar)* (1951), de Charles Mills (1916-1962) e *A multidão solitária* (1995), de David Riesman (1909-2002) são exemplos de estudos relacionados a essa temática.

Esses estudos têm ganhado cada vez mais espaço também na área das Ciências Humanas. Grupos de pesquisa e extensão têm contribuído de maneira significativa com pesquisas e práticas sobre atividades relacionadas ao lazer e sua relevância em diferentes contextos, como escolar, laboral, ao ar livre etc. Conteúdos e atividades, adequação de acordo com a faixa etária, tecnologia e lazer no espaço escolar são temáticas recorrentes nesses estudos.

Cabe ressaltar que o direcionamento dessas pesquisas também envolve a primeira infância e a terceira idade, grupos bastante ativos e que ainda requerem uma melhor e maior especialização profissional.

É importante também que as discussões referentes ao lazer – relacionadas sobretudo ao cotidiano do homem atual e suas demandas e especificidades – sejam reelaboradas/ressignificadas e aliadas às contribuições de áreas como Educação Física, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Pedagogia.

1.1.1 Estudos no Brasil



Atividade 1

Em que contexto social surgem as primeiras discussões sobre o lazer? Justifique.

Como mencionamos, os interesses e estudos relacionados ao lazer e recreação surgiram na Europa com o nascimento da indústria. Pode-se afirmar que esses estudos evoluíram em conjunto com as sociedades. No Brasil, esse cenário infelizmente não se repete, pois ainda faltam recursos para se investir na ampliação de pesquisas. Contudo, ainda assim há um grande esforço nas universidades para propagar e investir em pesquisas e publicações sobre lazer, recreação e temáticas relacionadas.

Segundo Marcellino (2012), o primeiro encontro para estudo e discussão do lazer no Brasil aconteceu apenas em 1969 na cidade de São Paulo. Grande parte das obras sobre o assunto foram traduzidas para a língua portuguesa na década de 1960.

Os trabalhos publicados eram diretamente relacionados à realidade social vigente e permeados por uma certa falta de originalidade e autenticidade. As pesquisas eram subordinadas a determinadas correntes filosóficas. Embora o autor não indicasse a quais correntes se referia, era possível perceber por meio do contexto histórico, por exemplo, ideais positivistas. As discussões e reflexões eram subordinadas diretamente ao pensamento de autores canônicos e aceitas como “verdades absolutas”, não possibilitando outros questionamentos e discussões.

Nas universidades brasileiras, os estudos sobre recreação e lazer se iniciaram na década de 1970, no auge da Ditadura Militar, fortemente caracterizada pela censura. Segundo Marcellino (2012), esses trabalhos eram “na sua grande maioria, [caracterizados] pela falta de ‘autenticidade’ principalmente se for levada em conta a realidade social concreta”. A proposição de práticas de lazer tinha ideais bastante claros: havia uma política de embranquecimento da população brasileira; além disso, nas aulas de Educação Física era cobrada a alta *performance* dos alunos considerados aptos a realizar práticas corporais (CASTELLANI FILHO, 2010). Nesse período, o futebol era considerado o esporte identitário e de tradição nacional, principalmente em razão da campanha da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de Futebol no ano de 1970.

Os estudos trazem referenciais históricos em relação à atual situação e os possíveis campos de estudos para a recreação e o lazer. No tópico a seguir, serão abordadas a recreação e o lazer do ponto de vista social e sua relevância.

1.2 Recreação, lazer e sua relevância social

 Video



O lazer e a recreação são pautas discutidas em políticas públicas, assim como o direito ao acesso e sua democratização. É possível perceber em muitas cidades a implantação de praças e parques para o livre acesso da população. A palavra *lazer* está presente em diferentes

contextos: empreendimentos imobiliários, associações de moradores e comunidades, propostas e planos de governo, documentários, artigos de revistas, programas de TV, entre outros. Contudo, esse assunto nem sempre foi abordado de maneira ampla em nosso país.

Para iniciarmos nossas reflexões, é necessário primeiramente discutirmos os distintos sentidos que a palavra *recreação* possibilita, o mesmo faremos com a palavra *lazer*. Veremos o modo como esses conceitos são apropriados pela Educação Física e suas contribuições em diferentes esferas da sociedade.

1.2.1 Recreação

A Educação Física tornou-se obrigatória no Brasil em 1851, com a chamada Reforma Couto Ferraz², a qual almejava civilizar a população por meio da escola. Na Europa, os exercícios físicos já faziam parte do contexto escolar desde o século XVIII – estruturados e implantados por teóricos como Johann Pestalozzi (1746-1827), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Johann Guts Muths (1759-1839) – com propósitos bem definidos e com o objetivo de complementar nos currículos os conhecimentos das outras disciplinas.

No Brasil, Ruy Barbosa (1849-1923) recomendou sua obrigatoriedade (com o nome de *Ginástica*) nas escolas normais³ para ambos os sexos, o que ocorreu em parte das escolas do Rio de Janeiro e nas escolas militares. De acordo com Darido e Rangel (2011, p. 5), somente a partir de 1920 outros estados brasileiros passaram a incluir as aulas de Ginástica – como mencionado, um sinônimo para Educação Física – em seus currículos, isso sem atribuir qualquer prestígio ou valorização perante os outros componentes curriculares.

Segundo Rosado *et al.* (2009), a palavra *recreação*

vem do latim *recreare* e significa “criar novamente”, no sentido positivo, ascendente e dinâmico. Toda recreação para atingir seus objetivos de contribuição no desenvolvimento intelectual, de raciocínio lógico e físico, pode ser construtiva de modo que os objetivos definidos possam ser alcançados de maneira prática e satisfatória.

A recreação surgiu na escola por meio da concepção denominada *esportivo-médico-higienista*. Com propósitos de intervenção sobre a saúde biológica e social, a recreação passou a ser utilizada como importan-

2

Segundo Limeira e Shueler (2008), a Reforma Couto Ferraz teve como objetivo a iniciativa privada de escolarização na Corte Imperial no Brasil do século XIX e o poder público.

3

“A primeira Escola Normal brasileira foi criada em Niterói, Rio de Janeiro, no ano de 1835. O Curso Normal, criado em 1835, tinha o objetivo de formar professores para atuarem no magistério de ensino primário e era oferecido em cursos públicos de nível secundário (hoje Ensino Médio)” (SCHAFFRATH, 2006).

te ferramenta pedagógica com o intuito de disciplinar o corpo – para que em momentos de tempo livre os sujeitos não se aproximassem da preguiça – ou ainda “movimentar” os estudantes que não apresentassem aptidão ou perfil para praticar as atividades propostas nas aulas de “Ginástica”.

Era possível também que a recreação fosse utilizada em momentos nos quais “atividades importantes” não estivessem sendo realizadas na escola. Posteriormente, é determinado o primeiro modelo de Educação Física nas escolas do Brasil, que a tornava obrigatória a partir do primário (equivalente ao Ensino Fundamental – anos iniciais), com o objetivo de estimular o corpo por meio de brincadeiras e exercícios.

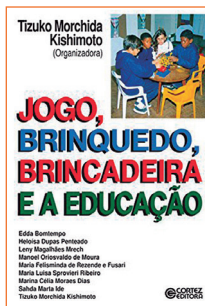
As atividades propostas eram lúdicas e apresentavam exercícios ginásticos. Os alunos eram também apresentados às noções de *diversão* e *obrigação*, por isso a Educação Física era considerada uma importante estratégia pedagógica, sendo utilizada posteriormente como responsável pela educação moral e cívica dos estudantes.

Nas primeiras três décadas do século XX surge a necessidade de uma modificação político-pedagógica nas escolas do Brasil. Objetivava-se uma escola renovada, que possibilitasse a discussão sobre a qualidade do ensino. O movimento da *Escola Nova* surgiu diante dessa necessidade: fundamentado nos preceitos do psicólogo estadunidense Carl Rogers (1902-1987), esse movimento buscava a modernização e a especialização de questões pedagógicas no contexto escolar.

A corrente pedagógica Escola Nova propôs a reformulação das metodologias de aprendizagem, reiterando “a importância do jogo e da ginástica como componentes fundamentais na formulação da personalidade, da civilidade, da disciplina e da liberdade, valores primários de uma sociedade em transformação” (ROSADO *et al.*, 2009). Jovens e adultos praticavam exercícios corporais e atividades recreativas com o intuito de desempenhar um papel moralizador e cívico. A prática de atividades moderadas em relação a sua intensidade supria as energias corpóreas e os anseios juvenis – em razão da curiosidade provocada pela prática da *Educação Física* – e era ainda capaz de propiciar melhores hábitos de higiene e saúde, equilíbrio psicossocial, bom comportamento e controle de si mesmo.

Nesse sentido, alguns autores, como Johan Huizinga, Jean Piaget, Lev Vygotsky e Tizuko M. Kishimoto apontam que os jogos e brincadei-

Livros



Divulgação

Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.

KISHIMOTO, T. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2017.

A autora e pesquisadora Tizuko Kishimoto tem diversos livros e artigos que problematizam o brincar e sua importância no cotidiano das crianças e jovens. A obra *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (2017) propõe algumas reflexões sobre a importância e as contribuições desses elementos para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

ras são a melhor forma de aprendizagem, desenvolvimento, inserção e interação social e socialização. Apesar da espontaneidade da Escola Nova, as técnicas de ensino, as experiências com a cientificidade e as práticas recreativas ainda se apresentavam de maneira sistematizada, com propósitos disciplinadores. Embora atividades fossem propostas de maneira livre, a disciplina era algo presente e tinha como propósito a modificação de hábitos cotidianos dentro e fora da escola, com vistas ao convívio e formação dos estudantes.

Com base nesses ideários, a recreação ganhou espaço na escola ainda com objetivos subservientes, pois não tinha o devido respeito e a hierarquia das outras disciplinas. Para muitos, a recreação era uma forma de “matar tempo”; por não ter objetivos claros, era considerada uma prática inferior. Darido e Rangel (2011) ressaltam que, para se opor ao método militarista, houve a implantação de atividades sem intencionalidades ou objetivos claros para os alunos.

Posteriormente, a recreação ganhou espaço para além dos muros da escola, mas ainda de forma irrefletida, isto é, apresentando o “jogo pelo jogo” e a “brincadeira pela brincadeira”. Esses são alguns fatores que vamos discutir e aprofundar ao longo desta obra.

1.2.2 Lazer

Atualmente há uma grande atenção para o lazer e suas possibilidades de aplicação e atuação. Esse termo pode ter diferentes entendimentos e percepções, desde definições simples, como “descansar” ou “não fazer nada”, até definições mais complexas, em que o lazer não pode ser entendido como “simples assimilador de tensões” ou “alguma coisa boa”, que ajude a conviver com as injustiças sociais (MARCELLINO, 2012). Em virtude disso, há o risco de o tema ser reduzido a visões parciais, restritas e interpretadas de maneira irrefletida.

Para Dumazedier (1980) *apud* Rosado *et al.* (2009), a palavra *lazer*

deriva do latim “livre” – e significa ser lícito, ser permitido. O conceito mais aceito de lazer é o que o caracteriza como um conjunto de ocupações às quais os indivíduos podem integrar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais e sociais.

Marcellino (2012, p. 12) nos apresenta a reflexão sobre a importância do lazer na vida moderna, entendendo-o como “um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural”.

Cabe-nos destacar também que esse é um tema repleto de preconceitos

motivados pelo pretensível caráter supérfluo dessas atividades, contrapondo-se à nossa situação socioeconômica, e pela sua utilização como instrumento ideológico, [o lazer foi utilizado] para o mascaramento das condições de dominação nas relações de classe, mantendo viva a expressão “pão e circo”. (MARCELLINO, 2012, p. 7)

Além disso, esse conceito também é subjetivo: para alguns, lazer pode ser descansar, jogar futebol, ir ao cinema, pescaria, jardinagem, palavras cruzadas ou outras atividades que não tenham compromisso com horário ou obrigações e exigência de resultados.

Marcellino (2012, p. 19, grifos nossos), nos apresenta uma classificação para o lazer; o autor aponta que “a classificação mais aceita é a que distingue seis áreas fundamentais: os interesses **artísticos**, os **intelectuais**, os **físicos**, os **manuais**, os **turísticos** e os **sociais**”. Para Marcellino (2012), podemos considerar o interesse artístico como a relação com o imaginário e estão a ele vinculadas todas as expressões e manifestações artísticas.

Quando mencionamos **interesses intelectuais**, nos referimos às atividades que devem propiciar o contato com o real, o racional e as informações diretivas/objetivas, como visitas a museus e centros históricos. Os **físicos** englobam todas as atividades realizadas com o predomínio do movimento, como esportes.

Nos **interesses manuais** estão propostas de atividades que transformam um ou mais materiais em outros, como o artesanato. Já **interesses turísticos** almejam a quebra da rotina, a busca por novas paisagens, pessoas, espaços, experiências e conhecimentos, como a realização de passeios e viagens.

São **interesses sociais** o contato social, os relacionamentos e o convívio, por exemplo, promover um encontro de amigos.

Video

D21 – Vídeo 1 – Educação Física para todos.

1 vídeo (19min42s). Publicado pelo canal IEP3 Unesp. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=78D3l2k1IYE>. Acesso em: 28 out. 2019.

Neste vídeo, renomados autores discutem a implementação da disciplina de Educação Física nas escolas do Brasil.

Quando relacionamos o lazer ao tempo, nos referimos às atividades realizadas no tempo livre ou ainda o tempo aproveitado depois do trabalho ou de obrigações familiares, sociais, religiosas, profissionais etc.

Para conceituar de fato o que é lazer, é preciso primeiramente ter um entendimento das relações que se estabelecem por meio do mundo do trabalho, já que em sua origem o lazer foi “criado” para ocupar o tempo livre de trabalhadores com uma intencionalidade bem definida: desviar a atenção dos operários das extenuantes jornadas de trabalho que cumpriam (MARCELLINO, 2012, p. 18).



Figura 2

Atividades de lazer ao ar livre podem ser realizadas em parques, praças, praias, calçadões, entre outros locais



Embora haja um entendimento do lazer em antagonismo ao trabalho (como forças que se repelem), o lazer surge justamente da condição humana, simbólica e material, em que o eixo central é o trabalho e as relações do indivíduo. As necessidades humanas – e toda a demanda que é criada por meio de reivindicações sociais –, a viabilidade para que o lazer aconteça e as aspirações do indivíduo, muitas vezes “criadas” para inserção social, mostram que o lazer é indissociável do trabalho e das relações estabelecidas por meio dele. A Figura 2, ilustra uma das possibilidades de prática de lazer; a utilização de parques, praças, praias e calçadões é opção para exercícios e práticas ao ar livre.

Os meios de comunicação de massa (internet, rádio, televisão) têm papel importante na divulgação de atividades recreativas e eventos de grande porte, fato que certamente contribui para uma visão reducionista e muitas vezes distorcida do que seja de fato lazer.

Ao praticar e separar um momento de lazer ao longo do dia, as crianças podem ressignificar o seu mundo, os jovens podem criar e reforçar suas percepções e os adultos podem tecer suas relações sociais e repensar comportamentos (e

seus princípios éticos, estéticos e políticos). Além disso, por meio do lazer é possível compreender de que modo está organizada a sociedade, ou seja, é possível perceber os espaços destinados ao lazer e seu acesso de acordo com a classe social, investimento realizado e as políticas públicas a estes destinados. Quanto mais organizada a gestão das cidades, melhor o acesso e investimento no lazer. Podem ser também praticadas atividades de lazer que não fazem parte do contexto em que os sujeitos são inseridos ou que são almejadas por eles, como ir a um parque temático de diversões, ao cinema ou a um sarau literário. Podem também ser organizados eventos em associações de moradores para promover o acesso e a participação da população em atividades que não fazem parte de seu cotidiano.

Cabe aos professores e graduandos em Educação Física ampliar as possibilidades de pesquisa para que o lazer passe a fazer parte do cotidiano das pessoas.

1.3



Video



Políticas públicas de Educação Física, recreação e lazer

Falar sobre Educação Física, políticas públicas, recreação e lazer significa saber que se faz necessária a melhor compreensão de cada um desses elementos, que têm sido alvo de discussões, pesquisas e debates tanto no meio acadêmico quanto no meio político.

Montenegro (2011) afirma que o fato de o país ter sediado dois grandes eventos esportivos – a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016 – impulsionou esses debates, que foram enriquecidos pela imprensa, pelos meios acadêmicos científicos e pelos centros de formação de professores de Educação Física.

Castellani Filho (2007) aponta que, historicamente, as políticas públicas que envolviam recreação e lazer implantadas em nosso país apresentavam características assistencialistas e com direção e funcionalidade bastante específicas. Essas sempre “serviam” a alguém (ou a algo), com objetivos muitas vezes ocultos que até apresentavam boas intenções, mas que eram executados de maneira muito simplista (sempre em comunidades que já tinham outros projetos) e como uma forma de se fazer presente.

Para o autor, no início das discussões sobre lazer e recreação no Brasil, as políticas públicas os apresentavam (e os compreendiam) como um momento de descontração, diversão e até mesmo de alienação. Estruturados por órgãos governamentais, o lazer e a recreação eram muitas vezes utilizados para que os problemas existentes na sociedade fossem amenizados.

Filme



O FIM do Recreio (Vinícius Mazzon e Nélío Spréa, 2012). 1 vídeo (17min26s). Publicado pelo Canal Parabolé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0s-1mGQxhAl>. Acesso em: 3 out. 2019.

Esse documentário de Nélío Spréa e Vinícius Mazzon apresenta de maneira breve, porém intensa, uma reflexão sobre o recreio e as atividades praticadas pelos jovens nas escolas.

Atividade 2

Defina o conceito de recreação.

E o desgaste não finda nesse mérito de discussão. Boa parte das vezes, os profissionais habilitados e com propriedade e conhecimento para estruturar, compreender e debater com qualidade sobre esses projetos, isto é, os professores de Educação Física, nem participam das discussões, muitas vezes, nem mesmo em sua formação acadêmica.

Suassuna (2007) *apud* Montenegro (2011) aponta que “as políticas públicas são diferentes das políticas de estado. [...] [elas] são caracterizadas por ações focais, em uma determinada área – como a educação, a saúde, o lazer – nas quais não há continuidade de governo para governo”.

Essa lacuna, que é formada em cada gestão, fragiliza projetos e profissionais que atuam nesse campo, visto que são interrompidos ao final de cada mandato. Outros projetos são frequentemente iniciados, às vezes com elementos comuns, mas quase sempre desarticulados e sem objetivos ou proposições claras e definidas. Já as políticas de governo, para o autor, não são interrompidas ao final de cada gestão, como exemplo, podemos citar as campanhas de vacinação.

Historicamente, a discussão sobre políticas públicas e lazer se iniciou com a nova configuração da legislação trabalhista em nosso país. Montenegro (2011) aponta que nas décadas de 1930 e 1940, no período chamado *Estado Novo*, houve grandes avanços na legislação trabalhista e a implantação da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT). Além da regulamentação da jornada de trabalho, pagamentos e elementos como décimo terceiro salário, gratificações por hora extra e contratos assinados na carteira de trabalho, a CLT trouxe ao trabalhador benefícios como férias remuneradas. Segundo o autor,

foi gerada a elaboração e a execução de políticas públicas recreativas – de caráter assistencialista e corporativista, privilegiando apenas o grupo social dos trabalhadores – com o propósito de ocupar o seu tempo de não trabalho legalmente regulamentado. Deu-se início à implantação dos “pacotes” de atividades que até hoje são práticas de alguns governos. (MONTENEGRO, 2011)

Os benefícios e a segurança garantidas ao trabalhador pela CLT entraram em vigor nas décadas de 1930 e 1940. Curiosamente, esses benefícios e direitos estão sendo discutidos em nosso país atualmente, com a chamada reforma trabalhista.

Durante o período da Ditadura Militar, em especial nas décadas de 1960 e 1970, o conceito de **meritocracia** alcança as políticas de lazer e as ações passam a ser sustentadas por burocracia, mérito e seletividade.

Como mencionamos, as ações relacionadas ao lazer nesse contexto eram todas de caráter assistencialista; elas tinham como objetivo distrair e tirar o foco da população para acontecimentos relacionados ao regime militar. Porém, a maioria das proposições desenvolvidas naquele contexto são até os dias de hoje utilizadas tanto nos planos de governo quanto nas ações das cidades de nosso país.

Montenegro (2011) cita como exemplo as “ruas de recreio”, que “promoviam atividades esportivo-recreativas em ruas e praças das cidades. [...] As ruas de recreio, posteriormente chamadas de *ruas de lazer*, foram difundidas de tal modo nas décadas seguintes que até hoje representam o modelo de política pública de lazer da maioria dos municípios de estados brasileiros” (MONTENEGRO, 2011).

As escolas de formação superior em Educação Física que nesse contexto apresentavam um viés militar, **calistênico** e meritocrático, tiveram papel fundamental. Com a publicação do Decreto n. 69.450/1971 (BRASIL, 1971), que obrigava a Educação Física em todas as etapas escolares (com o objetivo esportivo-recreativo), havia a promoção da massificação do esporte, em especial o futebol, que, conforme comentamos, foi utilizado como propaganda e modelo de conduta para o regime militar (CASTELLANI FILHO, 2007). Nesse sentido, os professores de Educação Física eram “técnicos esportivos” e recreadores nas escolas ou agentes de promoção das ações governamentais, em relação às atividades de lazer.

Na década de 1980, o lazer começa a se tornar economicamente interessante para o nosso país (MASCARENHAS, 2007). Segundo Mascarenhas (2007, p. 25), houve uma forte propaganda para o “lazer como mercadoria a ser comprada como forma de entretenimento e diversão, surgindo um conceito determinado ‘Mercolazer’”, que abrangia serviços como colônias de férias, parques temáticos, recreadores, entre outros. Havia a necessidade de profissionais qualificados para atuar

A B Glossário

meritocracia: sistema de recompensa e/ou promoção com base no mérito pessoal.

A B Glossário

calistênico: relativo a método ou conjunto de exercícios físicos, espécie de ginástica rítmica, sem uso de aparelhos, para dar beleza, força e vigor ao corpo.



Atividade 3

Defina o conceito de lazer.

nos empreendimentos e proposições de lazer, bem como uma grande propaganda de incentivo ao consumo de atividades esportivas, culturais (teatro na rua, festivais, etc.) e recreativas, com a ampliação e construção de praças e centros de lazer. O autor ainda afirma que “gerou-se um diferenciado acesso aos espaços e equipamentos de lazer, no qual as camadas populares da sociedade encontraram-se excluídas do acesso e das práticas culturais do lazer, formando uma gama de pessoas e jovens *sem-lazer*” (MASCARENHAS, 2007, p. 31).

A Constituição de 1988 apresentou avanços em relação aos direitos dos cidadãos (incluindo o direito ao lazer). Porém, de 1990 em diante, com a privatização de algumas empresas estatais e a diminuição de investimentos públicos, o lazer se consolida como mercadoria e ocorre novamente o aumento da exploração da classe trabalhadora.

Montenegro (2011) propõe a reflexão sobre o acesso e direito ao lazer e suas garantias em nossa sociedade. Para o autor, os programas de lazer e as políticas públicas destinados privilegiam determinada classe (a de maior poder aquisitivo), tornando-se distantes para as classes populares. A realidade, a legalidade e as ações consolidadas são sempre retomadas em planos de governo e em campanhas eleitorais.

Taffarel (2003) atenta para olhar o lazer como direito; segundo a autora, esse direito é constitucional e uma expansão do direito à cidadania. Cabe à população, às escolas de formação superior em Educação Física e às lideranças governamentais e comunitárias discutirem e compreenderem a relevância do desenvolvimento de programas de lazer consolidados para a população, seja de qualquer classe social.

Ao sediar eventos como a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016, muito se discutiu sobre o legado que seria deixado para a população após o encerramento desses eventos. O que a mídia nos apresenta são estados que receberam jogos com grandes dívidas, espaços para treinamento, jogos e complexos esportivos ociosos, inacabados ou deteriorados e sem acesso ou condições de uso pela população.

Cabe a nós propormos as seguintes reflexões: o acesso a esses eventos esportivos como atividades de lazer foi somente consumido por uma pequena parcela da população? Embora haja o direito constitucional ao lazer e a compreensão de sua importância em nosso país, boa parte da população desconhece esse direito e pouco faz para que

este seja materializado. As políticas públicas relacionadas ao lazer são discutidas em grupos de estudos nas universidades, mas ainda há pouca mobilização para modificar o quadro atual. Desse modo, é necessário um maior esforço em conjunto das universidades, da sociedade e dos órgãos governamentais para que esse quadro seja revertido e, de fato, as proposições nos projetos existentes sejam acessíveis e garantidas à população de maneira consistente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste capítulo indicar o contexto histórico da implantação do lazer e da recreação em nosso país. Cabe destacar que os termos *recreação* e *lazer*, embora praticados e discutidos com grande parte da população, ainda são vistos de maneira preconceituosa e desrespeitosa. Dessa forma, faz-se necessário o entendimento dessas noções para compreender sua importância na vida dos indivíduos. Estudar recreação e lazer significa se instrumentalizar de conhecimentos para os interesses da população de maneira geral.



REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto n. 69.450, de 1 de novembro de 1971. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 nov. 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm. Acesso em: 11 nov. 2019.
- CASTELLANI FILHO, L. O projeto social Esporte e Lazer da Cidade: da elaboração conceitual à sua implementação. In: CASTELLANI FILHO, L. (org.). *Gestão pública e política de lazer: a formação de agentes sociais*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2010.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. 2. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2011.
- LIMEIRA, A. M.; SCHUELER, A. F. M. Ensino particular e controle estatal: a Reforma Couto Ferraz (1854) e a regulação das escolas privadas na Corte Imperial. *Revista HISTEDBR on-line*, Campinas, n. 32, p. 48-64, dez. 2008. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5089/art03_32.pdf. Acesso em: 28 out. 2019.
- MARCELLINO, N. C. *Estudos do lazer: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 2012.
- MASCARENHAS, F. Outro lazer é possível! Desafio para o esporte e lazer da cidade. In: CASTELLANI FILHO, N. (org.). *Gestão pública e política de lazer: a formação de agentes sociais*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- MONTENEGRO, G. M. Políticas públicas de lazer: um enfoque na formação. *EFDeportes.com*, Buenos Aires, v. 16, n. 156, maio 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd156/politicas-publicas-do-lazer-na-formacao.htm>. Acesso em: 11 nov. 2019.
- ROSADO, D. G. et al. Recreação e lazer: relações com a Educação Física. *Argumentandum*, Cataguases, v. 1, n. 1. 2009. Disponível em: <http://www.sudamerica.edu.br/argumentandum/index.php/argumentandum/issue/view/1/Recrea%C3%A7%C3%A3o%20e%20Lazer>. Acesso em: 28 out. 2019.

SCHAFFRATH, M. A. S. Escola Normal no Brasil. *Glossário História, Sociedade e Educação no Brasil*. Campinas: HISTEDBR; Faculdade de Educação; Unicamp, 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_escola_normal_no_brasil.htm. Acesso em: 3 out. 2019.

TAFFAREL, C. Z. Para um manifesto em defesa das reivindicações em defesa da Educação Física & Esporte e Lazer, *Rascunho Digital*, 25 fev. 2003. Disponível em: <http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=150>. Acesso em: 11 nov. 2019.

WERNECK, C. L. G. A formação no lazer em nossa moderna sociedade: repensando os limites, os horizontes e os desafios pra a área. *Licere*, Belo Horizonte: v.1, n.1, p. 47-65, set. 1998.



GABARITO

1. Nessa resposta é importante que você mencione que, após a Revolução Francesa (1789), ideais sociais, políticos e filosóficos (liberais) passam a ser modificados e, com isso, a sociedade local, que tinha um *modus operandi* baseado na manufatura e no mercantilismo passa a atuar em grande escala com o surgimento de máquinas e indústrias que, por meio de suas produções, conseguem atingir grande alcance, modificando a maneira de funcionamento daquelas sociedades. Você pode também mencionar que o surgimento de ideais liberais e a exploração do trabalhador fizeram com que a necessidade de novas diretrizes e ocupações em tempo livre fossem discutidas, surgindo, ainda sem muita pretensão de benefícios reais para o operário, o momento de lazer.
2. Para responder a essa questão, é importante mencionar o conceito de *recreação* indicado neste capítulo. Este termo, do latim “*recreare*”, significa “criar novamente”, no sentido positivo, ascendente e dinâmico. Toda recreação, para atingir seus objetivos de contribuição no desenvolvimento intelectual, de raciocínio lógico e físico, pode ser construtiva de modo que os objetivos definidos possam ser alcançados de maneira prática e satisfatória. É importante que as atividades recreativas tenham objetivos claros, bem como tempo e espaço para acontecerem.
3. Para responder a essa questão, você pode partir da definição da palavra *lazer*, que deriva do latim “livre” – e significa ser lícito, ser permitido. É importante lembrar da definição de Rosado *et al.* (2009) *apud* Dumazedier (1980, p. 20):

O conceito mais aceito de lazer é o que o caracteriza como um conjunto de ocupações às quais os indivíduos podem integrar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais e sociais.

É importante ter em mente esse conceito e suas distintas possibilidades para que, ao atuar nas áreas pertinentes ao lazer, você tenha clareza em relação à relevância desse elemento no cotidiano das pessoas, propondo, assim, práticas mais consolidadas, inclusivas e que vão ao encontro do lazer como direito do cidadão.

2

Educação Física, recreação e lazer

Neste capítulo, vamos discutir a recreação e o lazer por meio da perspectiva da Educação Física, refletir sobre seu papel e compreender sua importância na formação dos profissionais dessa área. Essas relações são possíveis, pois, se considerarmos a trajetória histórica da Educação Física, percebemos que a recreação e o lazer têm suas origens quase que simultâneas ao surgimento dessa disciplina em nosso país, conforme vimos no Capítulo 1.

Durante muito tempo, as aulas de Educação Física foram associadas à ginástica, ao esporte e, ainda, à recreação. Nesse sentido, a formação do professor de Educação Física apresentava, nos currículos das universidades, disciplinas que tinham como objetivo habilitar e capacitar os futuros profissionais a atuar em escolas com ginástica e esportes; a recreação, na maioria das vezes, era deixada de lado nos currículos das universidades.

Desse modo, foi necessário que ao longo dos anos as universidades se especializassem e, com a ampliação dos estudos na área da recreação e do lazer, passassem a ofertar nos cursos de formação – tanto da licenciatura quanto do bacharelado – a disciplina Recreação e lazer, com objetivos específicos para o ambiente escolar e demais áreas de atuação.

2.1 A relação entre Educação Física, recreação e lazer



As reflexões referentes à recreação e ao lazer no contexto escolar se iniciaram na década de 1940 (e perduram até os dias de hoje). Em muitas escolas, ainda há a marginalização da recreação e do lazer, sendo frequentemente associada ao “fazer nada” e ao “jogo pelo jogo”, isto é, sem objetivos ou proposições. E se de fato fosse isso, é importante deixar claro que a diversão, o “fazer nada” e o “jogo pelo jogo” são objetivos da prática do lazer.



Atividade 1

Com base no que foi apresentado neste capítulo, discorra sobre de que maneira a Educação Física era adotada nas escolas e o modo como essas proposições influenciaram o surgimento da recreação.

Na trajetória histórica da Educação Física – tanto no ambiente escolar quanto nas universidades – houve um grande direcionamento dos conteúdos. Isso ocorreu em razão dessa disciplina ser historicamente relacionada ao esporte de alto rendimento e à ginástica; basta lembrar que as aulas de Educação Física no Brasil eram chamadas de aulas de *Ginástica*. Darido e Rangel (2011, p. 3) apontam que

as aulas de Educação Física eram associadas à ginástica e a métodos calistênicos na época da 1.ª Guerra Mundial, principalmente devido a interesses militares. Esse tipo de aula permaneceu comum nas escolas públicas, reforçado pela propaganda internacional da 2.ª Guerra Mundial, até a década de 60, quando os generais assumiram o Poder Executivo do País em 1964.

Desse modo, o que era proposto como conteúdo nas aulas de Educação Física não objetivava a inclusão de todos os alunos – e nem era essa a intenção –, mas somente aqueles considerados mais fortes, mais aptos, mais preparados e que conseguiam ¹ fazer as práticas propostas pelo professor. Os demais eram apenas expectadores das aulas.

Outro ponto importante a ressaltar é o fato de o governo ter utilizado as escolas públicas e particulares, em especial nas aulas de Educação Física, como fonte de propaganda do regime militar (DARIDO; RANGEL, 2011). Segundo Darido e Rangel (2011), os militares – que assumiram o governo em 1964 – passaram a utilizar a Educação Física como “sustentáculo ideológico”, investindo pesado no esporte. O objetivo era que o país participasse com êxito em competições de alto nível. O papel do professor era bastante centralizador e a prática era voltada aos movimentos repetitivos e com execução próxima da perfeição.

1

Aqui mencionamos a palavra *consequiam*, pois, de acordo com Castellani Filho (2010), as atividades propostas pelos professores nas aulas de Educação Física eram extremamente desafiadoras e nem todos os alunos eram capazes de realizar por falta de aptidão física e padrão motor. Nesse sentido, as aulas eram seletivas e privilegiavam apenas alguns poucos alunos, considerados aptos a realizar tais atividades.

As atividades propostas eram repetitivas, maçantes, obrigatórias e exigiam dos alunos a execução perfeita da técnica, dos fundamentos e o melhor desempenho, para que eles pudessem se apresentar. Os professores geralmente eram militares que se deslocavam até as escolas ou bons praticantes das modalidades. Os esportes eram ensinados de maneira metódica – histórico, regras, fundamentos, sistemas de jogo – e a ginástica era executada buscando a maior semelhança possível na execução demonstrada pelo professor, que era o modelo e exemplo de movimento e prática perfeitos. Na ginástica de competição, força e flexibilidade eram fundamentos imprescindíveis para a prática.

Esse modelo, chamado de *esportivista* era, então, tradicional, mecanicista e tecnicista. Nessa abordagem, somente os alunos considerados mais aptos e capazes de realizar as atividades propostas pelo professor podiam participar das aulas. Os esportes e a ginástica eram os conteúdos mais trabalhados, e as práticas eram propostas sem reflexão qualquer, apenas repetiam exaustivamente o que era proposto pelo professor, até chegar próximo à execução perfeita.

Esse modelo perdurou nas escolas do Brasil até meados da década de 1980. A partir da abertura política, isto é, com o fim da Ditadura Militar, o cenário começa a mudar, ainda que de modo sutil. Alguns autores, como Castellani Filho, Soares, Taffarel, Darido e Rangel, classificam a metodologia utilizada nesse período como uma *abordagem pedagógica esportivista* que, como mencionamos, durou várias décadas.

Bastante criticado nos meios acadêmicos, o modelo esportivista infelizmente ainda pode ser encontrado na metodologia de ensino de algumas universidades e escolas, apesar das recorrentes críticas. É justamente nesse contexto que surgem os cursos de formação em Educação Física em nosso país, fato que trouxe um elevado número de profissionais para o mercado.

Como contraponto ao modelo esportivista, surge a **metodologia recreacionista** – considerada também uma abordagem/concepção. Os recreacionistas realizaram excessivas críticas ao modelo esportivista, porém, essa concepção voltou-se a outro extremo, pois, para contrapor uma metodologia tão castradora, limitada, seletiva e até mesmo preconceituosa, surgiram ideais bastante libertários, em que os próprios alunos decidiam o que iam fazer nas aulas, de que forma fariam as atividades e quais materiais utilizariam.

Importante

As obras *Metodologia do ensino da Educação Física* (Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, entre outros); *Educação Física no Brasil: a história que não se conta* (Lino Castellani Filho); e *Implicações para a prática pedagógica de Educação Física* (Suraya Darido e Irene Rangel) apresentam importantes discussões sobre essa temática.

Livros

A obra *(Re)aprender a brincar: da especificidade à diversidade*, de Isabel Cabrita Condessa, discute a importância do lazer, do brincar e de atividades lúdicas e prazerosas serem discutidas, realizadas e praticadas desde a mais tenra infância.

Com isso, os esportes passaram a não ser tão utilizados nas aulas de Educação Física, os jogos e as brincadeiras passaram a ser adotados pelos alunos de maneira não competitiva e bastante inclusiva. Esse modelo não foi defendido por estudiosos, professores e especialistas, mas é importante ressaltar que foi um dos marcos importantes para a recreação dentro da escola. Até a década de 1990, o fato de as crianças brincarem não era bem visto nas aulas de Educação Física (CASTELLANI FILHO, 2010).

Atualmente, o brincar (Figura 1) ocupa importante espaço na sociedade e na escola, sendo, também, uma das possibilidades de trabalho com o lazer. A espontaneidade e a coletividade devem ser os principais atributos para a sua realização.

Contudo, é necessário esclarecer duas situações: a primeira refere-se à recreação utilizada no modelo calistênico e esportivista pelos alunos considerados “sem aptidão”. As práticas eram extenuantes, repetitivas e requeriam um padrão motor refinado e coordenado; para os alunos que não fossem capazes de realizar essas atividades, eram

Figura 1

As brincadeiras são possibilidades de lazer na escola



utilizadas brincadeiras e jogos sem nenhuma proposição ou objetivo para que não ficassem sem “fazer nada” nas aulas. A segunda, refere-se a seu contraponto, em que a recreação, na forma de brincadeiras e jogos, passa a ser utilizada em atividades não competitivas e por todos, porém, sem proposição ou objetivos claros.

Atualmente, a escola e o espaço para a prática da Educação Física vêm sendo discutidos em grupos de pesquisa, assim como o papel da recreação e do lazer e sua relevância em nossa sociedade. Convidamos você a refletir sobre a importância desses elementos, primordiais na formação do cidadão, bem como do profissional de Educação Física e educador. Para tanto, vamos aprofundar essa reflexão no decorrer desta obra, porém, iniciamos proposições reflexivas já neste capítulo.

2.2 A formação profissional do recreacionista —



Vídeo



Boa parte dos recreacionistas, que atuam nas diferentes áreas do lazer e da recreação, são graduados em Educação Física, tanto licenciados quanto bacharéis. As possibilidades para o trabalho do recreador são amplas e para que haja excelência no que for feito, é importante haver dedicação, pesquisa, estudos e, ainda, entendimento do que está sendo realizado.

Para Pereira, Silva e Carvalho (2009, p. 203), “a sociedade reivindica considerável papel às universidades na formação dos docentes. Assim sendo, as universidades cada vez mais procuram definir um papel desejado para o profissional, esperando assim atender às necessidades do mercado de trabalho”.

Na formação em Educação Física, o aluno poderá, por meio dos estudos ofertados na disciplina Recreação e lazer – boa parte das grades curriculares das universidades oferece essa disciplina ou a mesma ementa com outra nomenclatura –, participar de debates, reflexões, estudos e pesquisas. Estudar recreação e lazer é, atualmente, algo muito mais amplo que conhecer quantidades de atividades recreativas ou de jogos e brincadeiras que possam ser aplicados em qualquer lugar ou ocasião.

É importante compreender a relevância dessa área de atuação do profissional de Educação Física e a cientificidade que há (e que é neces-

sária) ao se aplicar um jogo ou uma atividade. Por muito tempo, o recreacionista foi visto em nossa sociedade como um especialista em jogos e diversão, bastante sociável e comunicativo, mas que não apresentava importantes contribuições para a sociedade e seu desenvolvimento, isto é, era apenas alguém que “sabia brincar”. Para Pereira, Silva e Carvalho (2009), a formação de professores apresenta aspectos ligados ao currículo por constituírem ações e denotarem particularidades entre o papel de ser professor, de ser aluno, quais as concepções de ensino que serão adotadas e de que maneira as atividades serão propostas.

Entretanto, as universidades ampliaram suas pesquisas na área da recreação e do lazer e, atualmente, boa parte delas apresenta cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) nessa área, além de estudos e grupos de pesquisas que entendem a recreação e o lazer na perspectiva social, econômica, educacional e psicológica. Em resumo, para atuar nos diferentes contextos possíveis ao recreador, é necessário muito mais que conhecer um vasto repertório de atividades.

Pensar a recreação e o lazer sob o ponto de vista das políticas públicas, das esferas da vida social, da compreensão das etapas de desenvolvimento infantil e da abrangência da Educação Física em nossa sociedade são algumas das condições indispensáveis ao recreador. Darido e Rangel (2011) apontam ainda a importância de o professor de Educação Física conhecer os aspectos legais que direcionam a disciplina em nosso país, os objetivos que estão propostos em cada atividade, conhecer e utilizar os aspectos de inclusão e as políticas a ela relacionada e, ainda, investir na formação continuada.

Conhecer atividades ou ampliar o repertório também é importante, mas, para um profissional com excelência, é necessário mais do que isso, já que são inúmeros os desafios para o recreador. Ao percebermos sua atuação em clubes, hotéis, navios, colônias de férias, festas de aniversário, escolas, empresas e nos demais lugares onde a prática da recreação e do lazer é possível, muitas vezes não nos damos conta da importância da atuação desse profissional ou sobre estudos necessários para que a prática ofertada seja de qualidade. Portanto, compreender as dimensões relacionadas à recreação e ao lazer, suas possibilidades e os aspectos que estão a eles relacionados são condições indispensáveis ao profissional de qualidade que o mercado requer.

2.3 O lazer em nossa sociedade



Atualmente, em nossa sociedade, podemos encontrar diferentes ideias e entendimentos para o tema *lazer* e o significado que este pode apresentar. Para boa parte da população, o lazer está quase sempre relacionado às atividades recreativas que podem ser praticadas individual ou coletivamente, nos horários livres e sem obrigatoriedade ou cobrança de resultados/*performance*. Outra possibilidade é a participação dos indivíduos em eventos que agrupam grandes quantidades de pessoas, seja com propósitos esportivos ou culturais.

Segundo Marcellino (2012, p. 13), “os meios de comunicação de massa [...] divulgam as atividades separadamente, sob verbetes consagrados como teatro, cinema, exposições, esportes etc., e, só mais recentemente, lazer, quase sempre ligados a manifestações de massa, ao ar livre e de conteúdo recreativo”.

A colocação do autor nos faz refletir sobre as seguintes questões:

- Quais são os conteúdos do lazer e de que maneira a sociedade divulga, incentiva e promove ações que permitam o acesso a esses conteúdos?
- Qual é a relevância social para práticas de lazer em nossa sociedade? Além disso, todos têm acesso a essas práticas?

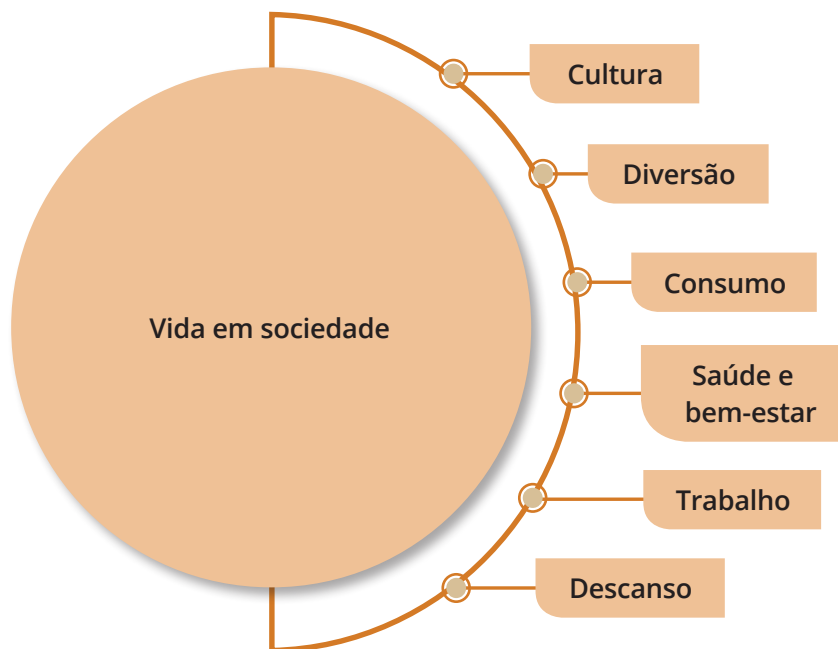
Para respondermos a essas questões, o primeiro passo é considerar as múltiplas esferas da vida social (Figura 2), que envolvem trabalho, descanso, consumo, saúde e bem-estar, cultura e diversão. Marcellino (2012, p. 14) considera essas esferas como componentes do lazer. Para cada uma dessas esferas é possível criarmos ou encontrarmos uma concepção diferente de lazer.

Muito se discute sobre a importância do equilíbrio entre as diferentes esferas para que o indivíduo possa viver em harmonia e plenitude. Esses conceitos são subjetivos, isto é, dependem da compreensão de mundo, que varia de sujeito para sujeito. Segundo Marcellino (2012, p. 14), “para que uma atividade seja entendida como lazer é necessário que atenda a alguns valores ligados ao aspecto tempo e atitude”, assim, a parcialidade em relação aos conteúdos do lazer estende-se em relação a esses valores.



Figura 2

Esferas da vida em sociedade



Atividade 2

Quais são as esferas da vida social propostas por Marcellino? Explique no que elas consistem e de que maneira contribuem para a vida em sociedade.

Fonte: Marcellino, 2012, p. 14.

Explicamos a seguir cada um desses elementos:

- **Descanso e diversão:** são exemplos relacionados a essa esfera assistir a um espetáculo de teatro, fazer uma viagem ou participar de uma festa, são consideradas atividades de repouso e “higiene mental” para a quebra da rotina e liberação da imaginação (MARCELLINO, 2012).

Trabalho e consumo: o conceito de lazer surge da necessidade do descanso do trabalho; mesmo que não privilegiasse tanto o trabalhador, o lazer era oferecido para que aumentasse mais a produtividade após uma longa jornada de trabalho. Podemos associar o trabalho diretamente ao lazer, pois, muitas vezes, trabalha-se para poder desfrutar momentos de lazer. Em geral, é possível afirmar que as pessoas também consomem lazer, pois, ao fazer uma viagem, assistir a *shows*, espetáculos de teatro, visitas a museus, parques temáticos ou cinema, as pessoas estão “comprando” seu lazer. A relação do consumo com o lazer pode ser debatida e questionada quando pensamos em classes sociais e poder aquisitivo.

- **Cultura:** refere-se a turismo (viagens), assistir espetáculos, ir ao cinema, exposições, visitar museus, saraus literários e o que se adquire de conhecimentos e experiências com tais vivências.
- **Saúde e bem-estar:** pensar em saúde significa não apenas a ausência de doenças, mas sim um completo bem-estar físico, emocional, social e psicológico. O lazer, o tempo livre e os momentos de não fazer nada ou de praticar a “higiene mental” contribuem para a manutenção e a recuperação da saúde. Assim como o cansaço e a quantidade adequada de sono, essa esfera da vida social, em geral, tem sido alvo de pesquisas que investigam a relação trabalho-lazer-saúde, a saúde e o lazer nos hospitais e a promoção de saúde por meio do lazer.

É importante lembrar que essas noções são subjetivas, o mesmo ocorre com o conceito de lazer, pois cada indivíduo apresenta uma visão diferente dessa noção. Atividades consideradas de lazer são divulgadas de maneira dissociada, de acordo com o público e os objetivos que se pretende atingir, tornando, muitas vezes, um conceito sem critérios definidos.

Os conteúdos relacionados ao lazer podem ser distintamente classificados e estar relacionados ao espaço, ao tempo, à atitude, dentre outros. Para Marcellino (2012, p. 14),

o caráter parcial que se observa na consideração do conteúdo também é verificado quando se procura estabelecer a relação entre o lazer e seus valores. Descansar, “recuperar as energias”, distrair-se, entreter-se, recrear-se, enfim, o descanso e o divertimento são os valores mais comumente associados ao lazer.

Podemos refletir sobre as possibilidades de mercado que o lazer abrange, lembrando que, em qualquer uma das possibilidades de atividades de lazer mencionadas, a recreação pode ser associada.

As atividades de descanso e divertimento como conteúdo do lazer e produtos relacionados à cultura de massa e à indústria cultural permitem reflexões sobre a maneira que esses são consumidos, divulgados e compreendidos em nossa sociedade.

É importante salientar o conceito de *indústria cultural*, que, segundo Freitas (2005), é definido como “um termo essencialmente crítico, que ganhou visibilidade a partir da obra conjunta de Adorno e Horkheimer, *Dialética do esclarecimento*, tradicionalmente considerada a baliza histórico-filosófica da Escola de Frankfurt”. Esse conceito propõe a reflexão

Saiba mais

Para ampliar seus conhecimentos acerca da relação entre a atividade física, a saúde e o lazer, indicamos a obra *Atividade física, saúde e lazer: o valor formativo do jogo e da brincadeira* (2012), de Pereira, Silva e Carvalho. Nela, os autores apresentam algumas pesquisas sobre a temática da Educação Física e o lazer.

Atividade 3

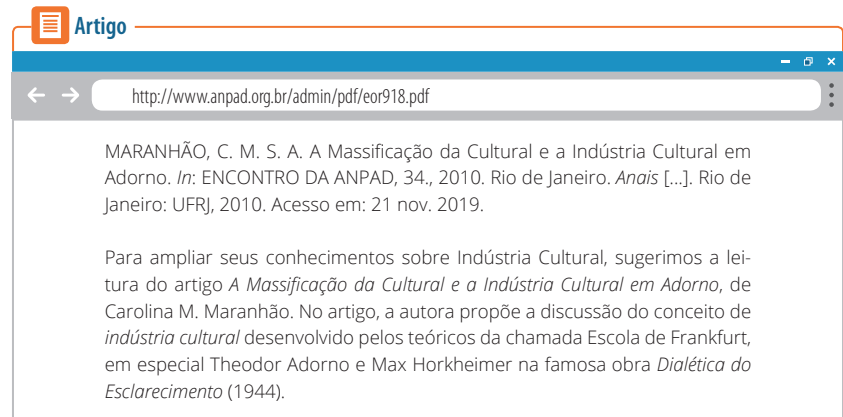
De que maneira podemos exemplificar atividades e conteúdos relacionados ao lazer? Justifique sua resposta com base nos exemplos citados neste capítulo ou de suas experiências em relação às práticas de lazer.

Vídeo

O vídeo *Indústria Cultural – Brasil Escola*, publicado pelo canal Brasil Escola, apresenta importantes reflexões sobre o conceito de indústria cultural. Nele, discute-se a ideia de que o capitalismo engloba a arte e a cultura em seu processo de mercantilização das relações sociais.

Disponível em: https://youtu.be/Z_GcuooNuys. Acesso em: 19 nov. 2019.

sobre os “produtos da razão, estabelecendo os limites para o conhecimento legítimo, é índice da explicitação filosófica do aprofundamento subjetivo, calcado na tomada de consciência do que constitui o sujeito em sua relação com a objetividade”. Em outras palavras, o conceito de *indústria cultural* nos auxilia a refletir sobre a forma como o lazer está colocado em nossa sociedade, de que maneira somos “conduzidos” a consumir determinados produtos/insumos e como essas escolhas refletem até mesmo em nossa condição e posição social.



Para exemplificar influências da indústria cultural, podemos pensar nas propagandas expostas na mídia e que apresentam propostas de lazer e diversão para as famílias em hotéis ou *resorts*. As pessoas nessas propagandas aparentam ser bem-sucedidas economicamente, com um modelo de família tradicional (pai, mãe, filhos), sorrindo e desfrutando as

 **Figura 3**

Com diversos gêneros de filmes, o cinema pode ser um programa para toda a família e uma atividade de descanso e lazer.



possibilidades desses lugares. Com esse tipo de propaganda, as pessoas, mesmo que de maneira inconsciente, ao comprar o pacote oferecido, buscam também adquirir o *status* que é oferecido ou as mesmas condições sugeridas na propaganda. Subjetivamente, são determinados os perfis dos frequentadores dos locais que são diretamente influenciados pelo desejo de obter lazer nos mesmos moldes apresentados na mídia.

Programas como espetáculos de dança, teatro, exposições também se enquadram no conceito de indústria cultural. Esses estimulam, por meio das mídias e redes sociais, o consumo de seus produtos muitas vezes de maneira irrefletida. O cinema (Figura 3) também pode ser considerado uma atividade de lazer e descanso.

Cabe ressaltar que, dentre os conteúdos e as possibilidades do lazer, há o que não é perceptível. Mencionamos aqui o que pode ser desenvolvido no âmbito social e pessoal e que são elementos de percepção individual. Em linhas gerais, cada sujeito fica com “impressões” de acordo com o entendimento que tem da vida ou do contexto em que está inserido. Ao procurar tipos distintos de lazer ou buscar equilibrar as esferas da vida em sociedade, cada indivíduo apresenta o que o deixa mais realizado ou o que está em seu alcance nas dimensões sociais em que transita.

Por isso mencionamos que a noção de lazer é subjetiva e que as possibilidades são infinitas, dadas as realidades em que estão inseridas. Podem ser, portanto, atividades educativas, com cunho reflexivo, cultural, pedagógico, ou, ainda, um lazer despretenso, que busque mesmo o esvaziamento mental, a troca de experiências, a liberdade de ações e de resultados, somente pelo prazer de não se fazer nada ou de relaxar, com completo desinteresse e sem *status* ou produtividade.

O lazer em nossa sociedade ocupa um lugar importante até mesmo nas políticas públicas, que o tornaram um bom viés para propaganda ideológica quando se divulga o “direito ao lazer”, principalmente nas camadas mais populares. Dessa forma, o lazer também é um instrumento político que apresenta grande relevância social. Por ser um direito constitucional, é parte da maioria dos planos de governo, com grande apelo na época de eleições, contudo, pouco vemos a materialização das promessas eleitorais, independentemente do governo que esteja atuando.

Muito se discute em relação ao direito social ao lazer nas universidades e em grupos de pesquisa. Comunidades e suas associações se mobilizam por meio de projetos sociais para tentar garantir esse direito

à população, mas, na prática, sabemos que muito ainda precisa ser feito em relação às políticas públicas do lazer no Brasil.

Em muitas cidades, fica evidente a ausência de acesso a atividades de lazer de qualquer tipo. Elas aparecem em grande número nos grandes centros urbanos, gratuitamente, como parte de planos de governo, com incentivos de fundações ou, ainda, como parte de políticas públicas de desenvolvimento urbano nas mais distintas possibilidades: atividades esportivas (em sua maioria), atividades culturais (música, teatro, literatura) ou, até mesmo, a criação e melhoria de praças, parques e ruas de lazer, onde a população possa realizar e ter acesso a diferentes atividades.

Sabemos que, infelizmente, nem todas as camadas da população têm acesso a qualquer tipo de lazer e que, por não ter essa possibilidade real nos contextos onde moram, descobrem possibilidades, jogando bola, cartas, conversando ou, ainda, promovendo saraus ou outros eventos nos centros comunitários. Tamanha é a importância da utilização de espaços públicos e de práticas de lazer, que as pessoas acabam se “reinventando” para poder ter acesso a momentos de descontração de maneira simples, criativa e improvisada.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos, neste capítulo, o lazer e a recreação na trajetória da Educação Física escolar e de que maneira a associação dos conceitos da recreação e do lazer auxiliaram na estruturação dos currículos nas escolas e criaram até estereótipos e preconceitos em relação ao “fazer nada” e à diversão na escola.

Também refletimos sobre a formação do profissional de Educação Física, que em sua origem apresentou um caráter militarista e buscando a *performance*, e, em certo momento, acaba por se perder pelo contraponto de deixar os alunos em uma situação confortável, que determinava o que seria ensinado nas aulas, de que maneira, quais jogos seriam feitos e o alto nível praticamente desconsiderado. Para os alunos que eram considerados inaptos a realizar atividades desafiadoras, eram apresentadas atividades de recreação com caráter lúdico, sem proposição pedagógica ou que auxiliassem os estudantes em seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

É importante lembrar que a prática militarista e a execução de movimentos calistênicos não foi apoiada por pesquisadores e, de certa maneira, contribuiu negativamente para a imagem da Educação Física. Infelizmente, ainda encontramos certo preconceito em relação a recreação e ao lazer nas aulas de Educação Física, considerados por muitos apenas momentos de jogar, brincar e “fazer nada”. Ainda perdura a ideia de que essa disciplina não apresenta objetivos claros ou objetos de estudo, como em outros componentes curriculares, o que é uma visão errônea, distorcida e bastante preconceituosa.

A Educação Física, os conceitos a ela relacionados e a recreação e o lazer passam a ganhar espaço quando começam a ser discutidos por sua relevância social. O lazer passa a ser discutido como parte das esferas da vida em sociedade e seus benefícios refletidos em conjunto com o bem-estar físico e social dos indivíduos.

Com relação à formação do profissional recreacionista, os cursos de formação superior em Educação Física (tanto licenciatura quanto bacharelado) apresentam grupos de estudo em seus currículos e investem em pesquisas que discutem a relevância da recreação e do lazer em nossa sociedade. Outro fator que deve ser considerado são os possíveis campos de atuação para o recreacionista, que podem ser trabalhados em hotéis, clubes, empresas, escolas e colônias de férias. O mercado necessita de profissionais bons e qualificados e que invistam na formação continuada para aprimorar cada vez mais seus conhecimentos e a qualidade do serviço oferecido à sociedade de maneira geral.



REFERÊNCIAS

- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 10. ed. São Paulo: Papirus, 2010.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. 2. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2011.
- FREITAS, V. Indústria cultural: o empobrecimento narcísico da subjetividade. *Kriterion*, v. 46, n. 112, p. 332-344, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v46n112/v46n112a16.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2019.
- MARCELLINO, N. C. *Estudos do lazer: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Autores associados, 2012.
- PEREIRA, B. O.; SILVA, A. N.; CARVALHO, G. S. *Atividade Física, saúde e lazer: o valor formativo do jogo e da brincadeira*. Braga: UMinho; FCT, 2009.



GABARITO

1. O que o conteúdo proposto nas aulas de Educação Física não objetivava era a inclusão de todos os alunos (e nem era essa a intenção), mas, sim, apenas dos alunos considerados mais fortes, mais aptos e mais preparados, isto é, que “conseguiram” fazer as práticas propostas pelo professor. As atividades eram repetitivas, cansativas e deveriam ser executadas conforme o exemplo solicitado pelo professor. Os alunos considerados inaptos para essas atividades eram apenas expectadores das aulas ou faziam atividades recreativas e lúdicas, sem objetivos propostos, isto é, realizavam atividades apenas para “passar o tempo” ou brincar. É nesse contexto que surgem as atividades recreativas, o que mais tarde será compreendido como recreação. As atividades recreativas não apresentavam cobrança de resultados ou performance e incluíam todos os alunos de maneira lúdica, sendo explorada com os alunos que não praticavam as atividades esportivas.
2. As esferas da vida social envolvem trabalho, descanso, consumo, saúde e bem-estar, cultura e diversão. Para cada uma dessas esferas é possível criarmos ou encontrarmos uma concepção diferente de lazer. Em linhas gerais, **descanso e diversão** se referem às possibilidades abertas nas atividades de lazer. Assistir a um espetáculo de teatro, fazer uma viagem ou participar de uma festa são oportunidades para o repouso e “higiene mental” com a quebra da rotina e liberação da imaginação. Quando mencionamos **trabalho e consumo**, nos referimos à noção de lazer que surge da necessidade do descanso do trabalho, mesmo que isso não privilegie tanto o trabalhador. Podemos associar a esfera do **trabalho** diretamente ao lazer, sua prática e aproveitamento pelos sujeitos. Muitas vezes, trabalha-se para poder desfrutar momentos de lazer. Podemos considerar que as pessoas também consomem lazer, pois, ao fazer uma viagem, assistir a *shows*, espetáculos de teatro, visitar museus, parques temáticos ou cinema, elas estão “comprando” seu lazer. A relação do **consumo** com o lazer pode ser debatida e questionada quando pensamos em classes sociais e poder aquisitivo. Para relacionar o lazer à **cultura**, podemos citar o turismo (viagens), participação em teatro, cinema, exposições, visitas a museus, saraus literários e o que se adquire de conhecimentos e experiências com tais vivências. Por fim, **saúde e bem-estar** também estão relacionados ao lazer, sobretudo em virtude do bem-estar físico, emocional, social e psicológico, elementos que contribuem para a manutenção e a recuperação da saúde.
3. Para responder a essa questão, é necessário lembrar do conceito de *indústria cultural* e o modo como somos influenciados e consumimos o lazer com base no que nos é ofertado pela mídia. As atividades propostas, o tipo de lazer buscado e o perfil de cada sujeito podem ser discutidos com base nesse conceito. Podemos mencionar, por exemplo, atividades de descanso e divertimento como elementos do lazer e produtos da indústria cultural, sessões de cinema e teatro, viagens (turismo), festas, oportunidades de repouso ou qualquer atividade que promova a renovação e o refazimento.

0 jogo, o brinquedo e a brincadeira

Neste capítulo, vamos apresentar os conceitos e a relevância social do jogo, do brinquedo e da brincadeira na recreação e no lazer. Trata-se de importantes ferramentas para as ações do recreador, visto que contribuem para o desenvolvimento, o crescimento, a socialização, bem como a interação. O jogo e a brincadeira podem ser exercidos em diferentes contextos e locais, com inúmeras possibilidades de aplicação para pessoas de diferentes faixas etárias.

A brincadeira e o jogo foram por muito tempo associadas à recreação e ao lazer de maneira vazia e até mesmo preconceituosa, principalmente em relação ao papel e perfil do recreador. Este, muitas vezes, é considerado alguém que “não faz nada” ou “só brinca”, criando, dessa forma, um estereótipo de alguém muito animado, com grande capacidade de motivação, mas ainda assim de modo vazio.

Nesse sentido, objetivamos neste capítulo entender o processo histórico e social do jogo e sua importância no desenvolvimento infantil; compreender as diferenças entre jogo, brinquedo e brincadeira; refletir sobre o papel desses elementos na recreação e no lazer; e, por fim, analisar o jogo, o brinquedo e a brincadeira nos campos de atuação da recreação e do lazer.

3.1 0 jogo e os aspectos histórico, filosófico, antropológico e social



Compreender o jogo e sua importância na recreação e no lazer implica o entendimento de algumas noções, como os conceitos de lazer, jogo e recreação, elementos que abordamos nos capítulos anteriores.

Desse modo, é imprescindível para a atuação mais efetiva e assertiva do recreador entender a função social do jogo e suas contribuições para o desenvolvimento, a socialização, a interação e as possibilidades de aplicação nas ações da recreação.



Atividade 1

O que é necessário para que o recreador execute uma ação bem sucedida? Justifique.

Independentemente da faixa etária com que se esteja trabalhando, o jogo e a brincadeira são as ferramentas mais utilizadas pelo recreador. A sua conduta lúdica, a boa aplicação das regras do jogo, a mediação e a intervenção nos momentos certos, bem como o prévio preparo do material e dos espaços são elementos indispensáveis para o sucesso da atividade. Além disso, é importante verificar se os objetivos do jogo estão sendo atingidos, se os brincantes estão cumprindo as regras, se o espaço e os materiais escolhidos são adequados, se a explicação do jogo e a postura do recreador são acessíveis e se há uso de linguagem direta. Esses elementos certamente favorecerão a qualidade do evento.

Ao buscar um recreador para atuar em eventos, é desejável encontrar um profissional qualificado, com vasto repertório e amplo conhecimento sobre as faixas etárias com que possivelmente atuará. Isso pelo motivo de que é difícil conhecer o público-alvo previamente e pode ocorrer a junção de crianças com diferentes idades em um mesmo evento/atividade. Desse modo, é necessário planejar e avaliar as atividades propostas, bem como conduzi-las de maneira lúdica.

Kishimoto (1996, p. 16) apresenta pesquisas em que investiga a relação entre jogo e educação, os significados do brincar, do brinquedo e seu papel no desenvolvimento da criança em diferentes etapas de desenvolvimento. Para a autora, o jogo pode ser compreendido como “o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; um sistema de regras e um objeto”.

O conceito de jogo deve ser entendido e analisado de acordo com o contexto social. Para Kishimoto (1996), ele é construído de acordo com

valores e modo de vida expressos por meio da linguagem. Aqui, podemos citar as possibilidades de variação na nomenclatura e regras possíveis para um jogo; essas não o descaracterizam, pelo contrário, valorizam o repertório de quem está jogando. Podemos citar, por exemplo, o jogo conhecido como *queimada*, chamado desse modo em algumas regiões do Paraná, do Rio de Janeiro e de São Paulo; na Paraíba, esse mesmo jogo é conhecido como *carimba*; já em Minas Gerais, ele se chama *matança*; em Curitiba (PR), é conhecido como *caçador*; na Bahia é denominado *baleado*; por fim, esse jogo é conhecido como *cemitério* em Manaus.

Ainda segundo Kishimoto (1996, p. 16):

Assumir que cada contexto cria sua concepção de jogo não pode ser visto de modo simplista, como mera ação de nomear. Empregar um termo não é um ato solitário. Subentende todo um grupo formal que compreende, fala e pensa da mesma forma. Considerar que o jogo tem um sentido dentro de uma experiência ou de uma categoria fornecida pela sociedade, veiculada pela língua enquanto instrumento de cultura dessa sociedade. Toda denominação pressupõe um quadro sociocultural transmitido pela linguagem e aplicado ao real.

No contexto social, o jogo tem diversas interpretações, como jogo político, de poder, de animais, de azar. Huizinga (2012, p. 33) o define como uma

atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas não absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência diferente da vida quotidiana.

Essas duas definições apontam a importância em considerar o contexto social em que o jogo está inserido, bem como a presença de regras que auxiliam sua classificação e identificação. Sabemos, por exemplo, que um jogo de futebol tem regras distintas de um jogo de voleibol.

Para as crianças, pouco importa o tipo de jogo que está sendo praticado, o que interessa a elas é a movimentação, a convivência e o prazer que o jogo proporciona. As atividades de lazer propostas pelos recreadores devem ser realizadas em momentos de descanso e distração, sem cobranças de *performance* e livres de obrigatoriedade. Desse modo, além do jogo, quaisquer outras atividades que atendam a essas

características são consideradas atividades de lazer. A seguir, a Figura 1 é um exemplo de atividade de lazer.



Figura 1

O *cabo de guerra*, também conhecido como *jogo de corda*, é uma atividade recreativa que pode ser feita por pessoas de diversas faixas etárias.



Sergey Novikov/Shutterstock

Registros e achados históricos mostram que desde os primórdios os seres humanos jogavam e brincavam entre si. De acordo com Darido e Rangel (2011, p. 161), “alguns poucos registraram em forma de desenhos esses jogos nas paredes das cavernas. Estas e outras evidências nos mostram que o jogo acompanhou não apenas a evolução histórica, mas esteve presente em todas as civilizações”.

As regras, como citamos anteriormente, são elementos que compõem as características dos jogos. Inclusive, elas estão presentes na sociedade, que é determinada por regras e leis (de trânsito, de trabalho, convívio etc.).

Para Kishimoto (1996, p.16), as regras são “um sistema que permite, em qualquer jogo, a identificação de uma estrutura sequencial dentro da modalidade”; essas estruturas permitem a diferenciação dos jogos, bem como sua identificação. As regras não podem ser dissociadas da conduta lúdica tanto do jogador quanto de quem o está aplicando, isto é, elas devem ser seguidas, caso contrário, não é jogo. Além disso, as regras devem ser combinadas e compreendidas previamente, o mediador (em nosso caso, o recreador) poderá fazer quantas intervenções forem necessárias em caso de dúvidas ou ajuste. Isso deve ocorrer livre de cobranças ou *performance* e sempre com enfoque na ludicidade.

É importante compreender que as regras servem para diferenciar os jogos e, que ao jogar, estamos exercitando a convivência das regras e seu caráter social, a empatia e a reflexão.

Quando pensamos em jogo como objeto, nos referimos ao material utilizado para que este possa acontecer. São exemplos: bola, peças de um jogo de tabuleiro, em resumo, tudo o que podemos utilizar para que o jogo aconteça. É importante lembrarmos também dos materiais que são adaptados, como uma bola feita de meias ou cabos de vassoura utilizados para simular um cavalo de pau. Na Figura 2, é possível identificar um jogo de xadrez por suas peças e materiais utilizados. O mesmo ocorre, por exemplo, com uma bola de futebol americano, tacos de beisebol, entre outros.



Atividade 2

Comente a respeito do papel das regras no jogo.



Figura 2

As peças de um tabuleiro de xadrez caracterizam o jogo como objeto.



totojang1977/Shutterstock

O recreador deve ter bastante cuidado e atenção no preparo do material que será utilizado em suas ações, pois uma das garantias do sucesso e da aceitação das atividades propostas é o estudo prévio do lugar onde a atividade ocorrerá, bem como a utilização de materiais de acordo com o público, a faixa etária e o tipo de atividades que serão ofertadas. Além disso, é importante conseguir esse material, para que, dessa forma, o jogo possa ser considerado um objeto e possa ser identificado e caracterizado conforme o material utilizado.

Do ponto de vista filosófico, o jogo passa a ter importância com a obra *Emílio ou Da Educação* (1762), de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). É importante destacar que, além de Rousseau, pensadores como Immanuel Kant (1724-1804) e Friedrich Schiller (1759-1805) reconheceram a utilidade do jogo na educação, propiciando distintas possibilidades de desenvolvimento, aprendizagem e reflexões (VELOSO; MARQUES SÁ, 2009). Foi com Schiller que surgiram “algumas transformações, no sentido, de concretizações e formulações de conceitos” e foi o filósofo que disse a célebre frase: “o homem só é de fato homem quando joga” (VELOSO; MARQUES SÁ, 2009).

Schiller escreveu algumas cartas sobre a educação e nelas apontou elementos como objetividade, harmonia, padrões de beleza e equilíbrio, bem como a concepção de totalidade tanto física quanto espiritual do homem.

Pensar no jogo do ponto de vista filosófico significa compreender que, ao jogar, o homem busca liberdade e legalidade, sobretudo quando pensamos no cumprimento das regras. Dessa forma, a compreensão do mundo, da existência e das relações subjetivas podem ser estabelecidas entre o ganhar e o perder. A estratégia e os meios utilizados para que objetivos sejam atingidos também podem ser consideradas características filosóficas do jogo, bem como a facilidade na aprendizagem e a possibilidade de reflexões associadas a essa prática.

Assim como as reflexões propostas pela filosofia, podemos analisar o jogo por meio da evolução da sociedade e do homem como parte dela. Refletir sobre a perspectiva cultural em nossa sociedade significa compreender que o jogo também pode ser analisado pelo ponto de vista da cultura. Esta pode determinar as relações que são estipuladas ao se jogar, isto é, cada cultura valoriza e compreende de maneira diferente o papel do jogo e suas características.

O caráter lúdico presente no jogo pode ser transposto para as relações sociais e, de certa forma, pode contribuir para compreendermos a condição humana. Se em determinadas épocas, o jogo, a diversão, o prazer e a ludicidade não eram bem vistos, com o surgimento da recreação e do lazer, a ludicidade passa a ser considerada parte do processo de desenvolvimento do ser humano. Compreender o jogo por meio de aspectos antropológicos significa associá-lo à trajetória do ser humano, sua evolução, bem como suas contribuições para a sociedade.

3.1.1. As características do jogo

Para compreender as características do jogo, o profissional da recreação deve primeiramente entendê-lo como um fenômeno cultural. E por que isso é relevante quando pensamos na atuação profissional do recreador? A resposta seria simples se considerássemos a importância de compreender o contexto em que o recreador atua: a sociedade. Mencionamos esse elemento, pois, em aspectos distintos, é necessário que o recreador tenha ciência do contexto em que atuará, além disso, a seleção de materiais e atividades pode auxiliar, e muito, no sucesso do evento ou das atividades propostas. Em resumo, entender o jogo e suas peculiaridades é o primeiro diferencial de um profissional habilitado e qualificado.

A primeira característica do jogo, conforme Kishimoto (1996), é ser cultural. É possível afirmarmos isso em razão de o jogo trazer os seguintes elementos: prazer; caráter “não sério”; liberdade; separação dos fenômenos do cotidiano; regras; e caráter fictício e representativo e sua limitação no espaço e tempo.

A autora nos propõe essa reflexão em razão das modificações que o jogo pode sofrer de acordo com o contexto cultural em que está inserido. O ser humano, na condição de ser social e imerso em sua cultura, se apropria dessas características ou as transforma conforme sua demanda, modificando ou impondo novas regras. Contudo, é importante destacar que isso deve ser realizado de maneira consciente e com respeito às regras criadas e determinadas, sem tentar burlá-las ou tirar vantagens.

De acordo com Kishimoto (1996), ao trabalhar com recreação, o profissional deve compreender as necessidades e a demanda, atentando ao **prazer** e ao desprazer que podem ser encontrados ao propor a atividade. Até mesmo o desprazer pode ser produtivo, já que pode não haver esforço e prazer/desprazer na realização de determinadas atividades.

Quando mencionamos o *caráter “não sério” do jogo*, podemos dizer o contrário: há muita ciência e seriedade na prática de um jogo e de uma brincadeira. Essa característica em muitos contextos ou ocasiões traz a conotação equivocada de que a brincadeira, o jogo, o lazer e a recreação são coisas “não sérias”, assim como denota, infelizmente, o caráter pejorativo que se dá ao ofício do recreador.

A pouca seriedade, segundo Kishimoto (1996, p. 24), “está relacionada ao cômico, ao riso, que acompanha, na maioria das vezes, o ato lúdico e se contrapõe ao trabalho que é considerado atividade séria.” Ainda de acordo com a autora, em virtude do caráter lúdico comum à brincadeira, sua importância não é considerada em alguns contextos, como no escolar. Em muitas escolas, existe a “hora de brincar” e a “hora de estudar”, como se as duas ações não pudessem ocorrer juntas.

Para as crianças, a vivência de diferentes papéis e a realidade misturada à ficção, ao real e ao imaginário tornam a brincadeira algo sério e que deve ser tratado como tal. A seriedade é tamanha nas brincadeiras que as crianças podem interpretar papéis que sejam relacionados com o contexto da brincadeira, como brincar de

Vídeo

Para ilustrar a relação do imaginário e do brincar, indicamos o vídeo *As aventuras do menino e sua caixa de papelão*, publicado pelo canal Wanessa Delgado. Nele, é possível observar a importância do brincar em família, da imaginação e da criatividade.

Disponível em: <https://youtu.be/S7SzablDSOQ>. Acesso em: 27 nov. 2019.

Figura 3

A criança em uma caixa de papelão interpreta o papel de um piloto de avião, reforçando o caráter sério da brincadeira.



escola e ser a professora. Isso acontece de maneira espontânea, quase sempre sem a mediação de um adulto. A Figura 3 é um exemplo desse tema; perceba que não são necessários materiais sofisticados ou grandes produções para que a brincadeira aconteça.

Outra importante característica do jogo são as **regras**, pois sem regras ele não existe. Elas podem ser claras, como as do jogo de xadrez ou da queimada; podem compor a atividade, como no jogo *alerta*, em que deve-se pegar a bola e, em seguida, mencionar o que foi previamente solicitado; e podem ser adaptadas de acordo com o contexto, com o material, com a quantidade de jogadores e com o tempo de jogo. As regras devem ser combinadas e revisadas com antecedência pelo recreador, podendo ser retomadas ou adaptadas sempre que necessário.

O **espaço** e o **tempo** são elementos presentes no jogo e também devem ser considerados. O jogo tem início e fim – o que geralmente se relaciona com o estabelecimento de regras – e deve acontecer em um espaço determinado. Essa relação pode ser adaptada e modificada de acordo com o público ou o material com que se está trabalhando. O tempo de jogo refere-se a duas possibilidades distintas: o recreador determina o tempo ou estabelece uma regra para determinar o tempo de jogo – por exemplo, a equipe que totalizar 25 arremessos primeiro será a vencedora – ou concede aos jogadores tempo ilimitado – o jogo termina quando não há mais interesse ou motivação para que o jogo continue.

A **liberdade** de ação presente no jogo é também um elemento a ser considerado. Com base na determinação das regras e na delimitação do tempo e espaço, os jogadores podem agir livremente, ou seja, com maior ou menor entusiasmo para atingir o objetivo ou interpretar papéis na situação do jogo, como imitar o gesto de um ídolo de basquete em uma jogada. Porém, é importante destacar que essas características são imprevisíveis e dependem do contexto, dos jogadores e do momento em que o jogo está acontecendo.

3.2 Brinquedo e brincadeira: conceitos e possibilidades na recreação

 Vídeo



A brincadeira e o brinquedo são as ferramentas do recreador em suas ações. Elas podem ser complementares ao uso dos jogos e apresentar características semelhantes. Atualmente, muito se tem estuda-

do em relação às contribuições do brinquedo, do jogo e da brincadeira para o desenvolvimento infantil e nos processos de socialização. Nesse sentido, as contribuições de Jean Piaget, Lev Vygotsky, Johan Huizinga, Tizuko Kishimoto e João Batista Freire apontam o brinquedo, o jogo e a brincadeira como importantes ferramentas no desenvolvimento cognitivo infantil, e não somente para a aprendizagem.

A brincadeira e o brinquedo devem ser selecionados e trabalhados de modo muito cuidadoso, com a intervenção de um adulto (professor ou recreador, por exemplo), respeitando a faixa etária, a relação com o imaginário, a formação de grupos e o uso de material.

As características da brincadeira são muito semelhantes às do jogo, porém as regras são mais flexíveis. O faz de conta passa a ser o elemento principal e as regras podem ser modificadas de acordo com o andamento e a criatividade dos brincantes. A conduta lúdica do recreador fará toda a diferença para o sucesso da atividade proposta e, conforme sua mediação, a brincadeira pode ter diferentes finalidades dentro dela mesma.

O imaginário e a fantasia são os elementos mais importantes quando pensamos em brincadeiras. E, por estarem tão presentes, podem determinar o andamento da atividade proposta; chamamos a atenção para o foco e direcionamento que o recreador deve ter ao aplicar uma atividade.

Segundo Darido e Rangel (2011, p. 161), há registro de brincadeiras feitas pelo ser humano desde a Antiguidade. Para as autoras, “alguns poucos registraram em forma de desenhos esses jogos nas paredes das cavernas”. Essas evidências apontam que a brincadeira e o jogo evoluíram com a humanidade, estando presentes em todas as civilizações. Alguns jogos até hoje são praticados, como o xadrez, a amarelinha, o ato de jogar pedrinhas etc.

Já as brincadeiras, de acordo com a região, são variáveis em nomenclatura e uso (ou não) de materiais. Elementos como fantasia, ludicidade, liberdade para a ação e espontaneidade são comuns em qualquer lugar em que formos pesquisar sobre brincadeiras.

Na recreação e no lazer, é mais comum que haja a proposição de jogos. As brincadeiras são também trabalhadas, mas, por serem mais espontâneas, apresentam liberdade de ação e não dependem especificamente de um objeto para sua realização. As brincadeiras são um

pouco menos utilizadas que os jogos, porém, em recreação de hotéis e clubes, a maioria dos recreadores estruturam um espaço para a brincadeira. Geralmente são ofertados alguns objetos, mas não há a intervenção ou mediação do recreador para que a ação aconteça. Nesse sentido, a espontaneidade e a liberdade de ação são mantidas, conservando as características da brincadeira.

É importante destacar que para trabalhar com os jogos e as brincadeiras não são encontradas grandes dificuldades. O mais importante a ser considerado é a preparação prévia do material – o que requer um planejamento bem executado pelo recreador – e o conhecimento do espaço onde o evento acontecerá. Caso necessário, os materiais devem ser adaptados, mas também pode haver a seleção daqueles que não utilizam materiais. Algumas facilidades podem ser encontradas ao se trabalhar com os jogos e as brincadeiras, como:

- conhecidos por boa parte das pessoas que já participaram de atividades que os envolvesse;
- não requerem o uso de espaço ou material sofisticado (alguns jogos podem até exigir, mas são raros), boa parte pode acontecer com materiais adaptados;
- podem ser propostos com variação quanto à dificuldade das regras; dependendo da proposta do recreador, é possível jogar com boa quantidade e complexidade de regras;
- pode ser praticado por pessoas de qualquer faixa etária, inclusive, uma estratégia bastante utilizada na recreação é trabalhar com participantes de várias idades na mesma equipe;
- são divertidos, prazerosos e contagiam a todos (a menos que sejam levados ao extremo da competição).

O brinquedo é o objeto da brincadeira. Sem ele, a ação lúdica pode até acontecer, mas com o uso de qualquer tipo de brinquedo, a brincadeira fica mais prazerosa. Kishimoto (1996) afirma que a brincadeira sempre acontecerá de acordo com a necessidade e a vontade do brincante, com material adaptado ou sem nenhum material. A intenção de quem brinca sempre sobrepõe à necessidade do uso de materiais para a prática.

As proposições elencadas acima – para a ação da recreação e do lazer – devem ser atrativas para estimular e incentivar o desejo de brincar ou jogar dos brincantes.



Atividade 3

Além do caráter lúdico, quais são as facilidades em se trabalhar com o jogo e a brincadeira? Justifique sua resposta.

Ao recreador é necessário:

- conhecer jogos e brincadeiras de diferentes regiões e contextos (contemplando também atividades realizadas por diferentes gerações), considerando o elemento cultural e a perspectiva lúdica;
- distinguir diferentes formas de organização do espaço, dos materiais, das regras e outras necessidades do grupo de maneira direta e assertiva;
- conhecer as variações das brincadeiras e dos jogos;
- realizar a mediação sempre que necessário, principalmente quando a competitividade se torna exacerbada ou ultrapassa os limites do bom senso e do respeito;
- saber que ele próprio pode (e deve) participar de algumas proposições com o público que está atuando (é interessante para os brincantes essa ação);
- compreender as relações que são determinadas na vivência de um jogo em específico, como ocorre na grande maioria das vezes, de o público participante ser desconhecido;
- incluir todas as pessoas, adaptando e percebendo a questão de gênero, por exemplo, sem excluir ou expor nenhum participante;
- pesquisar e ter um amplo repertório para atuação em diferentes contextos.

Com base no entendimento da representatividade e da importância do jogo, do brinquedo e da brincadeira para a recreação e o lazer, apresentamos a seguir uma breve reflexão sobre as reais necessidades na formação e atuação do profissional do lazer.

Historicamente podemos constatar algum preconceito em relação ao profissional de Educação Física que atua profissionalmente como recreador. Esse fato pode ser explicado talvez pelo caráter lúdico, pela conduta amistosa e pelo perfil que geralmente esse profissional apresenta. As possibilidades de atuação são bastante amplas e, segundo Awad e Pimentel (2015, p. 260), “existe à disposição um lazer globalizado como: [...] parques temáticos, espetáculos de teatro, estrutura de turismo, academias de ginástica e escolas de esporte, cinemas, apresentações nacionais e internacionais de música, bares e ‘restaurantes finos’”.

Nesses espaços, é possível encontrarmos as seguintes nomenclaturas: recreadores, consultores de lazer, monitores, animadores, agentes, entre outras. As ferramentas mais utilizadas pelo recreador – o jogo, o brinquedo e a brincadeira – em suas proposições práticas, devem ser aliadas a conhecimentos que devem ser construídos, refletidos, debatidos e modificados de acordo com a necessidade e o entendimento de cada profissional. Isso ocorre quando o recreador analisa, planeja e estuda previamente as características e os objetivos do evento em que atuará, elaborando com antecedência as atividades com significado, e não somente como um rol de jogos ou brincadeiras.

A seguir, a Figura 4 mostra uma das possibilidades de atuação do recreador. É importante salientar a relevância desse trabalho, sobretudo em um contexto em que o sedentarismo, a diminuição e a restrição dos espaços de brincadeiras nas ruas, nos parques e nas praças (devido à falta de segurança) é cada vez maior. Além disso, o uso de tecnologias torna as relações menos interativas fisicamente; as ações de lazer e recreação têm papel fundamental para reverter esse quadro.



Figura 4

O recreador tem uma importante função social.



Robert Kneschke/Shutterstock



Vídeo

O documentário *Tarja Branca – A revolução que faltava*, publicado pelo canal Sidiney Batista dos Santos, discute a importância do brincar sob a perspectiva de diferentes profissionais, como pedagogos, médicos, psiquiatras, sociólogos e educadores físicos. O documentário apresenta reflexões sobre o indivíduo que brinca, de que maneira essa ação interfere positivamente na fase adulta e como o brincar atualmente não é valorizado como deveria em nossa sociedade.

Disponível em: <https://youtu.be/DM6RKImXJUJ>. Acesso em: 11 nov. 2019.

A ideia do recreador como um cumpridor de tarefas não representa em nada sua ação e o quanto esse profissional necessita de conhecimento para executar com primor suas atividades. Boa parte dos recreadores são professores de Educação Física que têm em sua formação acadêmica possibilidades de reflexão, construção social e um grande compromisso com a sociedade, visto que são educadores. Como já mencionamos, trabalhar com lazer e recreação significa entender conceitos de jogo, brincadeira, brinquedo e lazer. Além disso, é importante compreender a função social e o papel do recreador para que as práticas propostas sejam realizadas e recebidas de maneira crítica, educativa e emancipatória.

Esse entendimento deve ser amplo, uma vez que o lazer não pode ser

tratado de forma isolada de outras questões sociais porque o que se deseja é que o profissional dessa área se torne um recreador e não um mercador, ou seja, ampliar suas possibilidades de trabalhar no plano da cultura, compromisso com a mudança, competência técnica composta de forma interdisciplinar. (AWAD; PIMENTEL, 2015, p. 261)

Nesse sentido, é importante a formação de um sujeito crítico, ativo e intelectualmente questionador, que compreenda a realidade e indague-se sobre a relevância de sua ação profissional, compreendendo o direito social ao lazer e as possibilidades pedagógicas para sua aplicação, não somente como um “vendedor” de um produto a ser consumido. A formação acadêmica do educador físico deve garantir uma formação ativa que possibilite uma atuação consciente, relevante e crítica. É importante que haja a mudança no estereótipo do recreador, visto muitas vezes como um ser alienado, divertido e vazio em relação a conteúdos e cientificidade.

Para tanto, podemos trazer à tona a reflexão de que não basta ao recreador conhecer um amplo repertório de jogos e atividades para todos os locais e idades, ter carisma, ser acessível e bem humorado. É necessário que esse profissional esteja consciente da importância de sua atuação e de quanto é importante investir em estudos e formação continuada para almejar sucesso em suas ações. Em resumo, não basta conhecer jogos, saber aplicá-los e jogá-los, é importante a reflexão e o entendimento do lazer como direito do cidadão e elemento de nossa sociedade.

3.3



Vídeo



A brincadeira e o jogo no desenvolvimento infantil

Os jogos e as brincadeiras têm sido debatidos em grupos de pesquisa, principalmente em relação às suas contribuições no processo de aprendizagem. No contexto educacional, segundo Moyles (2007, p. 14), “os educadores precisam mostrar claramente que, e o que, as crianças estão aprendendo por meio do brincar”.

Moyles (2007, p. 25) considera que “o brincar é extremamente característico na faixa etária dos 2 aos 6 anos. Esse é o período do desenvolvimento infantil mais importante para o brincar simbólico”. Piaget (1951) apud Moyles (2007) estabeleceu a seguinte divisão: brincar prático, brincar simbólico e jogos com regras.

O brincar prático está relacionado ao estágio sensório-motor – em que as experiências provêm de movimentos e sensações, por exemplo: levar um objeto à boca – em bebês de 6 meses a 2 anos. O brincar simbólico está relacionado ao uso da fantasia, dos papéis socio-dramáticos – imitar super-heróis, os próprios pais e professores. O faz de conta abrange crianças de 2 a 6 anos de idade e os jogos com regras podem ser realizados com crianças de 6 ou 7 anos de idade. Nessa faixa etária, o uso das regras é útil e, ao mesmo tempo, contraditório, isto é, as experiências são pautadas no uso de regras, mas, caso seja possível, seu uso pode “favorecer” as crianças ou servir ao seu interesse, por isso o elemento contraditório.

Há ainda o brincar construtivo e, nessa categoria, objetos são utilizados para construir ou criar algo. Também chamados de *jogos de construção*, são muito utilizados em escolas e eventos de recreação para que as próprias criações sejam o brinquedo ou sejam explorados em momentos do brincar livre.

Moyles (2007, p. 26) afirma que “o comportamento do brincar é uma maneira útil de a criança adquirir habilidades desenvolvimentais-sociais, intelectuais, criativas e físicas. Grande parte do brincar é social”. O desenvolvimento da criança pode ser aprimorado ou evidenciado por meio de experiências lúdicas, do jogo e do brincar, o que ocorre de maneira muito espontânea e natural. Para Piaget e Vygotsky, o brincar traz benefícios intelectuais.

Outros aspectos, como a criatividade, a expressividade e o lúdico podem ser considerados importantes no processo do brincar. É importante a mediação de um adulto para que a imaginação seja condutora de histórias, situações e de atividades.

Cabe ressaltar que as brincadeiras e os jogos podem se tornar repetitivos, apesar de tantas contribuições no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Educadores e recreadores têm, nesse sentido, importante papel a desenvolver com as crianças. Além do planejamento, da organização prévia dos materiais e de estímulos e motivação, podem ainda apresentar propostas desafiadoras para o trabalho em equipe e cooperação entre os brincantes. Dessa forma, o adulto faz a mediação possibilitando vivências mais entusiasmantes e desafiadoras.

Para auxiliar no processo de desenvolvimento, alguns elementos podem ser trabalhados pelos educadores e recreadores, a saber:

- **Modelagem:** o adulto participa ativamente do brincar, encena e demonstra papéis que possam ser encenados pelas crianças.
- **Orientação verbal:** o adulto não participa, mas faz comentários e sugestões para ajudar as crianças.
- **Treinamento da fantasia temática:** as crianças são ajudadas em histórias conhecidas.
- **Aprendizagem do brincar imaginativo:** referem-se ao exercício das habilidades do faz de conta. (MOYLES, 2007)

Os aspectos apontados anteriormente são prazerosos para os adultos e para as crianças. Eles podem ser utilizados em jogos e brincadeiras, tanto no contexto escolar quanto da recreação e do lazer, auxiliando a promover e aprimorar o desenvolvimento em distintos

aspectos. Adequar as atividades, compreender os diferentes tipos de jogos e brincadeiras pode propiciar às crianças mais elementos para seu crescimento e desenvolvimento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, pudemos refletir sobre a importância do jogo, do brinquedo e da brincadeira no contexto da recreação e do lazer. Apontamos que, para o recreador, estas são ferramentas imprescindíveis para o trabalho, independentemente da faixa etária e do contexto em que serão aplicadas.

É importante que o profissional compreenda os conceitos de lazer, jogo, brinquedo e brincadeira e, ao selecionar suas atividades, considere os elementos discutidos neste capítulo, como a importância das regras, a característica do jogo e a análise prévia do contexto (local, público, faixa etária, material necessário) para que seu evento seja ofertado de maneira qualitativa e atenda às expectativas do contratante.

Para o recreador, faz-se necessária a compreensão do jogo, brinquedo e brincadeira como construtos sociais, repletos de significados e que vão ao encontro do conceito de lazer. Estudar esses conceitos certamente implicará propostas mais conscientes, profissionais mais qualificados e que proponham atividades contextualizadas, articuladas e interessantes.



REFERÊNCIAS

- AWAD, H.; PIMENTEL, G. *Recreação total*. Várzea Paulista: Fontoura, 2015.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. 2. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2011.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Coleção Filosofia).
- KISHIMOTO, T. M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 1996.
- MOYLES, J. R. *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- VELOSO, R. R.; MARQUES SÁ, A. V. Reflexões sobre o jogo: conceitos, definições e possibilidades. *EFdeportes [on-line]*, Buenos Aires, v. 14, n. 132, maio 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd132/reflexoes-sobre-o-jogo.htm>. Acesso em: 27 nov. 2019.



GABARITO

1. É necessário que o recreador conheça jogos e brincadeiras de diferentes regiões (contemplando também atividades realizadas por diferentes gerações), considere o elemento cultural e a perspectiva lúdica, reconheça as diferentes formas de organização do espaço, dos materiais, das regras e outras necessidades do grupo de maneira direta e assertiva. Além disso, é importante que conheça as variações das brincadeiras e dos jogos, realize a mediação sempre que necessário, saiba que pode (e deve) participar de algumas propostas com o público que está atuando. Finalmente, além de pesquisar e ter amplo repertório para atuação em diferentes contextos, é imprescindível que o recreador inclua a todos, adaptando e percebendo a questão de gênero, por exemplo, sem excluir ou expor nenhum participante.
2. É importante destacar em sua resposta que não existe jogo sem regras. Elas podem ser claras – como as regras do jogo de xadrez ou da queimada –, podem compor a atividade – como no jogo “alerta”, em que deve-se pegar a bola e já mencionar o que foi previamente solicitado – ou ainda adaptadas de acordo com o contexto, o material, a quantidade de jogadores e o tempo de jogo. As regras devem ser combinadas e revisadas previamente pelo recreador e retomadas ou ajustadas sempre que necessário.
3. Ao trabalhar com jogos e brincadeiras, o recreador encontra algumas facilidades, como o conhecimento prévio das pessoas em relação a jogos e brincadeiras e a não necessidade de uso de espaço ou material sofisticado, isto é, boa parte das atividades pode acontecer com materiais adaptados. Pessoas de qualquer faixa etária podem praticar atividades recreativas (inclusive, uma estratégia bastante utilizada na recreação é trabalhar com participantes de várias idades na mesma equipe), além disso, há o fato de os jogos e as brincadeiras serem divertidos, prazerosos e contagiarem a todos (a menos que sejam levados ao extremo da competição).

4

Atividades de recreação: do planejamento à avaliação

Neste capítulo, discutiremos sobre a importância do planejamento nos eventos de recreação e lazer. Além disso, vamos refletir sobre a preparação prévia desses eventos e discutir sobre o evento em si, isto é, vamos conhecer cada etapa do planejamento.

Planejar é essencial para qualquer atividade ou tarefa que pretendemos realizar. Quando pensamos na atividade docente, essa tarefa toma proporções ainda maiores, visto que, para termos êxito nos eventos de recreação que organizamos, o planejamento é uma etapa fundamental.

Iniciar a ação de recreação ou de lazer pensando no planejamento é tarefa inerente à ação do recreador e do professor de Educação Física. Nas mais distintas áreas de atuação, geralmente, é solicitado a este último a organização de eventos e festividades. Ao saber o público com o qual atuará e seus contratantes, é possível minimizar possíveis falhas e inclusive preveni-las. O planejamento é parte de cada uma das etapas de um evento de recreação e lazer – preparação, execução e a avaliação das atividades que serão propostas.

4.1 Planejamento: aspectos a serem considerados.



Vídeo



Compreender o ato de planejar significa repensar a trajetória do ser humano desde as eras mais primitivas até os dias de hoje, em que temos uma sociedade organizada. As ações executadas devem ser realizadas da maneira mais funcional possível para que o tempo seja otimizado e a qualidade dessas ações não seja comprometida. Para Oliveira (2009, p. 67),

o ato de planejar é uma ação humana e nos acompanha desde os tempos mais remotos. Não haveria sobrevivência do homem caso ele não pudesse antever suas ações. Imaginem um homem das cavernas saindo para sua caça sem o pensar antecipado da situação e a organização prévia das estratégias para o abate da caça. Provavelmente não estaríamos aqui escrevendo esse texto hoje, pois a espécie não teria evoluído e nós não existiríamos.

Ao pensar nas atividades cotidianas, podemos contar com recursos tecnológicos – *smartphones*, *tablets*, TVs, computadores etc. – para facilitar nossas ações. Contudo, a quantidade de tarefas a serem realizadas tornou-se maior e, dessa forma, se não as planejarmos e anteciparmos, é muito provável que não consigamos realizar nem a metade do que nos propusemos a fazer.



Atividade 1

Cite os aspectos que devem ser considerados na estruturação de um planejamento e justifique sua importância.

Quando pensamos em um projeto para recreação ou lazer precisamos nos fundamentar em estudos a fim de subsidiar nossas ações. Para tanto, é necessário aprofundar os conhecimentos sobre os componentes para a sua estruturação. Planejar é condição imprescindível e inicial a qualquer projeto de recreação e lazer; cabe ao recreador “aproveitar e potencializar todas as suas chances de sucesso” (OLIVEIRA, 2009, p. 68).

Para que um planejamento seja realizado de maneira eficaz, alguns aspectos devem ser considerados pelo recreador e sua equipe. São eles: fundamentação teórica, seleção temática, conhecimento do local, material necessário, público-alvo, tempo, investimento e objetivos a serem desenvolvidos. Conheceremos cada um desses aspectos a seguir.

4.1.1 Fundamentação teórica

Para que o evento se desenvolva com sucesso e alcance os objetivos propostos, é importante que as atividades sejam estudadas e buscadas em referências relacionadas ao tipo de evento que se deseja organizar. Aspectos como público-alvo devem ser estudados. Caso o evento seja proposto para crianças da educação infantil, por exemplo, o recreador deve estudar e conhecer as características dessa faixa etária, bem como atividades que são (ou não) recomendadas. Além disso, deve-se levar em consideração fatores relacionados à inclusão, realizar a avaliação do evento e dos espaços e utilizar materiais adequados. Com o passar do tempo, a experiência e o conhecimento facilitarão a busca pela fundamentação teórica e os subsídios necessários para cada even-

to, porém o estudo é condição indispensável a um recreador ético e comprometido com o seu trabalho.

4.1.2 Seleção temática

Nesta etapa, as possibilidades de temas que podem ser utilizadas no evento devem ser elencadas pelo recreador e, posteriormente, selecionadas as atividades. Se possível, todo o evento deverá ser caracterizado com elementos referentes ao tema escolhido, bem como as atividades. Por exemplo, se o tema é *halloween*, a decoração, as atividades, os monitores e os participantes podem se caracterizar para tornar o evento mais atrativo e divertido. Para garantir que todos estejam caracterizados, vale a pena incluir no orçamento fantasias e adereços para os participantes.

4.1.3 Conhecimento do local

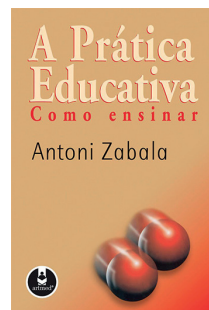
Caso seja possível, é interessante conhecer, antes da seleção das atividades, o local onde o evento ocorrerá. Questões como tipo de terreno, de cobertura, de banheiros, de equipamentos de segurança e de primeiros socorros, a circulação de pessoas (caso o evento seja aberto) e o espaço físico são importantes de serem verificadas para que as atividades sejam planejadas de maneira assertiva e sejam condizentes com o local. O diagnóstico prévio do local é válido para determinar e planejar as atividades que serão realizadas, bem como elencar os objetivos que serão propostos.

4.1.4 Objetivos a serem desenvolvidos

Dependendo do tipo de evento que será organizado, deve-se, primeiramente, propor ao contratante objetivos com base nas atividades que serão ofertadas. Por exemplo, algumas empresas costumam contratar recreadores para seus eventos de fim de ano, com o objetivo de integrar e unir as equipes; pode também ser realizada a organização de torneios esportivos, em que o objetivo para os participantes será vencê-lo. Em outras situações, os eventos são planejados apenas com o intuito de divertir os participantes. Para o recreador, os objetivos, independentemente do estilo do evento, devem estar presentes e fazer parte do planejamento.



Livro



**A prática educativa:
como ensinar**

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Para ampliar seus conhecimentos, indicamos a obra *A prática educativa: como ensinar* (1998), de Antony Zabala. Nesta obra, o autor remete-se às situações para aplicação em sala de aula, assim como oferece boa fundamentação teórica em relação ao planejamento.

4.1.5 Material necessário

Após conhecer o local, determinar os objetivos, estudar e fundamentar-se teoricamente, é necessário planejar todo o material indispensável ao evento. Esse elemento é muito significativo e deve ser planejado e revisado pelas equipes que atuarão no evento e, após adquirido, deve ser novamente conferido. Uma estratégia interessante a ser adotada é selecionar o material “geral”, isto é, organizar os materiais com base no local onde serão realizadas as atividades, por exemplo, banheiros, papelaria (canetas, folhas, fitas adesivas etc.), primeiros socorros. Após essa verificação, deve-se elencar o material necessário por atividade.

Como exemplo, podemos citar a atividade “cabo de guerra”, em que são necessários uma corda de 2 metros de comprimento, 30 cm de fita de qualquer cor, fita adesiva ou giz e apito. O recreador deverá incluir em seu planejamento/projeto se o material será fornecido por ele (o que impactará no investimento) ou pelo contratante. Nesse caso, é importante realizar uma revisão dois dias antes e também no dia do evento, além disso, é interessante que o recreador leve alguns materiais extras para utilizar, caso não tenha sido providenciado. O sucesso das atividades dependerá muito do material previamente selecionado e organizado; a premissa para ser um bom recreador é planejar seus eventos com organização e cuidado.

4.1.6 Público-alvo

É interessante verificar as características do público-alvo – idade, sexo, nível de escolaridade etc. – e, se possível, quais são os interesses desse público. As atividades devem ser elencadas de acordo com o perfil do grupo, deve-se selecionar atividades variadas e, caso existam pessoas de diferentes faixas etárias, pode-se organizar equipes homogêneas, com atividades que possam ser realizadas de maneira coletiva, valorizando a participação de todos.

4.1.7 Tempo

Deve-se determinar no planejamento o tempo estimado para cada atividade, a duração total do evento e horários para pausas, lanches ou descansos. O planejamento do tempo total do evento deverá ser subdividido de acordo com a quantidade de atividades que serão propostas, estimando uma sobra de tempo para que o planejamento possa ser realizado em sua totalidade. O tempo de explicação da atividade, entrega de materiais, produção dos participantes (se necessário) e a transição de uma atividade ou de um local para outro deve ser contabilizado também.

Por exemplo, em uma atividade de “poeta a caráter”, devemos considerar o tempo para a discussão do grupo, para a produção do poema e para a caracterização da personagem, bem como a apresentação de cada grupo. Se o evento acontecer em um hotel e a atividade for “alimentando os animais”, deve-se considerar o tempo de deslocamento entre a ação de oferecer o alimento aos animais e o tempo total da atividade.

4.1.8 Investimento

Planejar recursos financeiros também é imprescindível para o sucesso do evento, principalmente porque há possibilidade de ganho com o trabalho. Deve-se considerar fatores como tempo gasto para o planejamento, material necessário, contratação de monitores, aluguel do espaço físico e honorários do recreador. Esses itens devem constar na apresentação do projeto, e o contratante deverá receber um descritivo contendo cada um dos itens citados. Os honorários do recreador podem ser cobrados como hora aula e devem ser considerados o contexto e a região ao se realizar o levantamento dos valores. Esses aspectos devem fazer parte do planejamento do evento e quanto mais detalhado for cada item mais tranquilidade e chances de sucesso.

Para um planejamento geral, apresentamos no Quadro 1 uma sugestão de estruturação que pode ser adaptada de acordo com as características e especificidades do projeto.



Quadro 1

Exemplo de planejamento

Nome do projeto	<i>Descrever o nome do projeto que será apresentado.</i>
Contratante (telefones, responsáveis, e-mail)	<i>Apontar todos os contatos do contratante e dos responsáveis pelo evento.</i>
Telefones e contatos do local do evento	<i>Apontar os contatos dos responsáveis do local onde será o evento e ainda de contatos de emergência.</i>
Objetivos a serem desenvolvidos	<i>De acordo com o objetivo proposto pelo contratante, indicar o que se pretende desenvolver com o evento.</i>
Seleção temática	<i>Indicar os possíveis temas a partir da necessidade do contratante.</i>
Público-alvo	<i>Indicar a faixa etária do público-alvo.</i>
Material necessário	<i>Material geral necessário; pode ser feita uma sugestão por atividade.</i>
Local	<i>Local onde será realizado o evento. Se necessário, mapas para os participantes e pontos de referência.</i>
Tempo (duração)	<i>Duração total do evento, horário de início e término.</i>
Investimento	<i>Detalhar o valor investido para a realização do evento.</i>

Fonte: Oliveira, 2009, p. 98.

É importante que o preenchimento dessa sugestão de planejamento siga o descritivo dos elementos informados anteriormente. Esse quadro é apenas uma proposta, podem ser utilizadas outras formas de registro, contanto que o planejamento seja realizado. Os itens apontados podem (e devem) ser modificados e adaptados de acordo com o andamento do projeto. Entretanto, o recreador deve tomar o cuidado de sempre apontar esses elementos para que se possa realizar o evento de maneira tranquila, organizada e com todas as informações necessárias em mãos.

4.2

Eventos de recreação e lazer: análise e preparação



Vídeo



Como mencionamos, ao planejar e preparar um evento de recreação, o recreador deve definir os objetivos que pretende alcançar e os recursos que utilizará. Por mais que o intuito seja divertir os participantes, seja em um clube ou em uma rua do lazer, sempre haverá, de maneira específica, elementos que devem ser definidos coletivamente (contratante e equipe de recreadores).

Após realizar o diagnóstico com o contratante e elencar questões importantes para a estruturação do projeto (etapa de análise), o re-

criador e sua equipe devem estabelecer os **objetivos gerais** e os **objetivos específicos**.

Libâneo (1994, p. 119) aponta que “os objetivos antecipam resultados e processos esperados do trabalho em conjunto do professor e dos alunos, expressando conhecimentos, habilidades e hábitos (conteúdos) a serem assimilados de acordo com as exigências metodológicas”. Certamente, em um projeto de recreação e lazer, não é tratada a relação professor-aluno, porém, ao recreador e sua equipe, é imprescindível que o trabalho em conjunto tenha um objetivo comum. Para tanto, são necessários conhecimentos relacionados à recreação e ao lazer para a estruturação do projeto e do planejamento, bem como conhecimentos em relação às atividades a serem desenvolvidas.

Desse modo, elencar objetivos gerais e específicos significa estabelecer metas para o projeto. Contudo, são necessários alguns cuidados em sua estruturação, a saber:

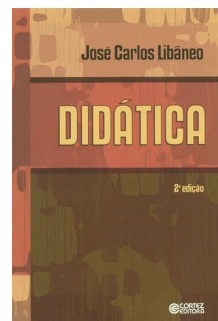
- estabelecer objetivos claros para que todos os envolvidos na organização compreendam cada etapa do projeto;
- estruturar o planejamento seguindo uma sequência lógica (lembrando que não há hierarquia dos elementos do planejamento, todos são interligados, interdependentes e imprescindíveis para o sucesso do evento);
- propiciar aos participantes experiências recreativas de diferentes graus, promovendo-as de modo motivador, entusiasmado e preparado, zelando por todas as etapas.

O quadro a seguir mostra um exemplo de objetivo geral e objetivo específico para o projeto Rua do lazer de um bairro da cidade de Curitiba, Paraná:

 **Quadro 2**
Projeto Rua do lazer: objetivos

Objetivo geral	Objetivos específicos
<ul style="list-style-type: none">• Propiciar às crianças e adolescentes do Bairro Novo (Curitiba-PR), opções de lazer ao ar livre na Rua do lazer do bairro em questão, por meio do desenvolvimento de atividades esportivas e lúdicas.	<ul style="list-style-type: none">• Estimular a participação de crianças e adolescentes, residentes do Bairro Novo, em atividades esportivas e recreativas no projeto Rua do lazer.• Promover e resgatar a vivência de atividades recreativas da cultura popular.• Propiciar a vivência de atividades de maneira respeitosa e harmoniosa, e que tenha abrangência de ampla participação de crianças e adolescentes moradores do Bairro Novo.

Fonte: Oliveira, 2009, p. 54.



Didática

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

Na obra *Didática* (2013), de José Carlos Libâneo, você poderá se apropriar de mais conhecimentos em relação ao planejamento e definição de objetivos. Esses elementos são importantes para a estruturação de projetos mais concisos e mais bem fundamentados.



Atividade 2

Com base nas sugestões dadas neste capítulo, crie um planejamento para um evento de recreação e lazer.

Após planejar e elencar os objetivos gerais e específicos, é válido organizar outro quadro para cada atividade que será realizada. Esse quadro também poderá servir como uma forma de planejamento, mas deve ser considerado para cada proposição que será realizada no projeto.

Oliveira (2009) nos apresenta uma sugestão de organização para cada atividade:



Quadro 3

Modelo de organização para cada atividade

Nome da atividade	<i>Descrever de forma sintética o nome da atividade.</i>
Objetivo	<i>O que pretende a atividade.</i>
Descrição	<i>O que é a atividade, em linhas gerais.</i>
Recursos necessários	<i>Recursos humanos, físicos e materiais para o desenvolvimento da atividade.</i>
Montagem	<i>Como se organizam as ações: cenários, espaços, materiais etc.</i>
Funcionamento	<i>Como se procede em relação às ações.</i>
Possibilidade de utilização	<i>Em quais ocasiões o desenvolvimento é propício, faixa etária recomendada, local, recursos necessários etc.</i>
Possibilidade de adaptação	<i>Variações que podem ser organizadas.</i>
Experiências já desenvolvidas	<i>Exemplos de vivências com a atividade e resultados obtidos.</i>
Outras observações	<i>Indicações, caso haja.</i>

Fonte: Oliveira, 2009, p. 74.

O autor também indica um exemplo de atividade para ilustrar o preenchimento desse quadro:



Quadro 4

Atividade: Poeta a caráter

Objetivo	<i>Estimular a expressão oral por meio de ações artísticas.</i>
Descrição	<i>Após realizar um levantamento dos poemas, os participantes devem recitá-los caracterizados de um personagem.</i>
Recursos necessários	<i>Espaço fechado.</i> <i>Pintura para rosto.</i> <i>Lápis para maquiagem.</i> <i>Fantasia para caracterização.</i> <i>Folha de papel sulfite.</i> <i>Canetas hidrográficas.</i> <i>Um animador.</i>

(Continua)

Montagem	<i>O animador deve selecionar alguns livros de poesia que possam servir de inspiração para o grupo ou estimular os participantes a pesquisar seus próprios poemas.</i>
Funcionamento	<i>Os participantes se organizam em pequenos grupos e selecionam o poema que será recitado. Um dos participantes deverá recitar o poema. Terminado o tempo, os personagens devem se caracterizar e apresentar seu poema.</i>
Possibilidade de utilização	<i>Gincana, feira de artes, encontro de grupos de interesse etc.</i>
Possibilidade de adaptação	<i>É possível usar contos, piadas, versos e pequenas histórias. Os participantes podem também elaborar textos e poesias.</i>
Experiências já desenvolvidas	<i>Escolas, colônias de férias, com crianças de 7 a 12 anos. Há um receio inicial por parte dos participantes, mas depois todos participam.</i>
Outras observações	<i>Atividade atende a interesses artísticos de lazer e recreação.</i>

Fonte: Oliveira, 2009, p. 74.

Antes e durante o evento, o recreador deve realizar algumas tarefas, como reuniões com as equipes de trabalho (monitores, professores) e revisão da programação que será realizada, tirando eventuais dúvidas e repassando elementos necessários ao dia do evento.

É necessário também registrar a quantidade de participantes por dia e sempre informá-la na planilha de planejamento. Além disso, é fundamental incentivar os monitores e equipes de trabalho a serem cordiais, animados, prestativos e motivados sempre que puderem, pois para o evento ser um sucesso o trabalho em equipe é fundamental. Uma equipe que trabalha de maneira unida e integrada alcança melhores resultados. Por fim, é válido garantir que todas as atividades planejadas sejam realizadas e adaptadas, caso seja necessário, para que tudo ocorra conforme o planejado.

Todos os materiais essenciais devem ser conferidos: por exemplo, se a atividade se referir a “esportes radicais”, os equipamentos de segurança e o treinamento dos monitores que atuarão nessa estação devem ser previstos.

Para Marcellino (2007, p. 11), “há atividades que são consideradas ‘esporte’, quando praticadas com os devidos recursos e ‘esporte de lazer’ quando seu exercício visa apenas à diversão”. O autor ressalta a importância da organização dos materiais para que o recreador possa desenvolver o seu trabalho de maneira adequada.

“Se a atividade não necessitar de material algum, o recreador torna-se ainda mais importante, porque acaba sendo a única referência para os participantes” (MARCELLINO, 2007, p. 11). Desse modo, é necessária

a conduta lúdica do recreador e de sua equipe de trabalho em todas as proposições no evento. A definição das equipes de trabalho também deve ser realizada antes do evento, isto é, todos os envolvidos (monitores) devem saber exatamente com o que atuarão, quais materiais são necessários, o espaço onde será a atividade e a duração média de cada atividade.

O recreador deve combinar previamente com os monitores como será a separação dos materiais e, ao final da atividade, os locais onde estes devem ser deixados. Com essas atitudes, o evento certamente ocorrerá de maneira mais tranquila e, caso haja imprevistos (e eles sempre ocorrem), poderão ser minimizados ou não criarão impacto sobre o evento.

4.2.1 Planejando em diferentes contextos

As atividades de recreação e lazer podem ser desenvolvidas em diferentes contextos sociais. Ao recreador cabe, no momento da realização de seu planejamento e seleção de equipe de trabalho, considerar as características de cada ambiente, objetivando sempre atender às expectativas tanto do público participante do evento quanto de seu contratante.

Fatores como as barreiras inter e intraclases devem ser consideradas ao se propor as atividades. Segundo Marcellino (2007, p. 11), “é preciso lembrar sempre que a classe social, o nível de instrução, a faixa etária e o gênero, entre outros fatores como clima, espaço e investimento, limitam o desenvolvimento das atividades de lazer”.

Antes de pensar em repertório, materiais ou equipe de trabalho, deve-se levar em conta esses aspectos para que o planejamento esteja adequado ao perfil do grupo que será trabalhado (MARCELLINO, 2007). Atividades em acampamentos e acantonamentos, por exemplo, devem receber atenção especial, respeitando horários de alimentação, higiene, descanso e transição. As atividades devem ser abrangentes e envolver a participação de coordenadores, monitores, participantes e, dependendo da situação, familiares. Estes podem estar envolvidos na programação, alimentação, regras de convivência e permanência no local, bem como serem os responsáveis pela segurança dos participantes. Jogos noturnos, atividades em horários pouco convencionais (bem

no início da manhã) e no horário da alimentação são possibilidades interessantes para esse contexto de recreação.

Outra possibilidade é a recreação em festas (geralmente festas populares), que são grandes expressões de lazer. A expressividade, a ludicidade, a gratuidade das ações, a gastronomia e a arrecadação são elementos comuns nesses eventos.

Para Marcellino (2007, p. 104), “a festa como conteúdo de lazer, assume uma dimensão ‘social’, predominantemente pela realização das suas atividades de forma conjunta com outras pessoas, permitindo o convívio de indivíduos de grupos sociais distintos ou similares”. Desse modo, deve-se abranger as possibilidades de atividades para diferentes faixas etárias e/ou gêneros dentro de um mesmo evento. Pode-se, por exemplo, em uma única festa existir um *playground*, um *show* musical e um bingo. As pessoas podem participar do evento proporcionando entretenimento, satisfação e convívio, atingindo, dessa forma, um dos objetivos do lazer, que é a vivência e convivência de distintos grupos de pessoas em um mesmo evento.

Outro local bastante comum para a realização de atividades de recreação e lazer são as colônias de férias. As atividades são realizadas em período integral ou parcial nas férias escolares ou laborais e podem ser realizadas em escolas, clubes, condomínios, unidades militares, associações de moradores, empresas, dentre outros. Essas devem incluir possibilidades de movimento corporal, exercitando a imaginação, o raciocínio, as habilidades manuais e as relações humanas, oportunizando o estímulo à convivência e a participação de todos.

As colônias de férias não devem ser vistas como locais onde os participantes “passam o tempo” realizando uma sequência de atividades soltas, desconexas, mas, sim, como um local “privilegiado de difusão dos valores do lazer, contribuindo para a autonomia de seus participantes, além de focar as qualidades de descanso e de divertimento que vão muito além do ‘ocupar’ o tempo dos participantes” (MARCELLINO, 2007, p. 73).

Analisar o contexto em busca das melhores atividades, que estejam em consonância com os objetivos do evento é tarefa bastante importante na ação do recreador. Por ser uma área de atuação ampla, é imprescindível refletir sobre a importância do planejamento e de uma atuação em conjunto com sua equipe de trabalho, visando atingir as expectativas e os objetivos elencados.

4.3 Avaliação de eventos de recreação e lazer



Após planejar, analisar e executar o evento é importante que, partindo do planejamento, o recreador e sua equipe possam avaliar seus aspectos gerais.

Para avaliar, não basta que os participantes tenham gostado das atividades propostas ou que o planejamento tenha sido seguido à risca. É importante analisar o contexto do evento, se os objetivos propostos foram atendidos, se as atividades precisaram ser adaptadas ou foram realizadas conforme o planejado e quais intercorrências aconteceram durante o evento.

Ao planejar, muitas vezes não é possível considerar os imprevistos ou, ainda, prevenir de acontecimentos que podem tornar o evento mais interessante e empolgante ou um fracasso completo. Por isso, quanto mais adequado e detalhado for o estabelecimento dos objetivos e a estruturação do planejamento, maiores são as possibilidades de o evento acontecer da maneira como foi pensado e estruturado.



Atividade 3

Para avaliar o evento e a ação do recreador e sua equipe, Tallarico (2011) aponta algumas sugestões que devem ser seguidas e observadas. Elenque quais são essas sugestões, descrevendo a sua importância.

Para Tallarico (2011), alguns elementos são necessários na hora de avaliar eventos de recreação e lazer, principalmente no que se refere à atuação do recreador e sua equipe:

- o nível de participação, interesse, envolvimento, silêncio;
- lideranças, disputas para liderar, escutados e ignorados;
- influências positivas e negativas, interesse, conciliadores, participativos e construtivos;
- tomada de decisões do grupo (ou reação às decisões impostas);
- comportamento em relação às tarefas a serem executadas, solução de problemas, adaptações;
- atmosfera de grupo amistosa, parceira, empática;
- entrosamento e empatia de cada integrante da equipe;
- normas seguidas, questionadas, modificadas.

Esses elementos são determinantes à avaliação, pois o sucesso ou o fracasso do evento depende desses itens. Em outras palavras, de nada vale um planejamento bem estruturado, com objetivos claros e bem de-

finidos, bem como material e espaço físico adequado à necessidade do evento e das atividades se a equipe de trabalho não estiver bem entrosada e não conhecer o projeto do evento de maneira detalhada.

Logo, de nada vale se a equipe de trabalho for excelente e dedicada, mas o projeto do evento não estiver bem estruturado, com objetivos sem clareza e mal definidos, ou, ainda, ser inviável na prática em virtude da seleção inadequada das atividades.

A avaliação serve também para que o recreador possa determinar novas possibilidades dentro de um mesmo projeto ou repensar sua prática para outros eventos ou novas atividades.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, ressaltamos a importância da realização do planejamento em um projeto de recreação e lazer. Ao recreador que almeja estruturar seus eventos e suas atividades, é inerente o estudo do estilo das atividades que serão propostas, para fundamentar a sua prática. Além disso, é importante planejar cada etapa detalhadamente e, ainda, estabelecer objetivos claros para subsidiar suas ações.

Compreender a importância do trabalho em equipe, com um grupo bem estruturado e que aja de maneira integrada, também é parte do desenvolvimento de um projeto de recreação e lazer, independentemente do evento que se pretende atender.

Com a prática, a seleção das atividades e a ação do planejamento, as possibilidades de sucesso no evento são maiores. Isso ocorre porque, com o planejamento, haverá maior segurança e fidedignidade para o contratante. Planejar, analisar e avaliar o evento de recreação e lazer são, portanto, partes imprescindíveis da ação e da conduta do recreador.



REFERÊNCIAS

- LIBANEJO, J. *Didática*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e Recreação: repertório de atividades por ambientes*. São Paulo: Papirus, 2007.
- OLIVEIRA, A. A. B.; PIMENTEL, G. G. A. *Recreio nas férias: reconhecimento do direito ao lazer*. Maringá: Eduem, 2009.
- TALLARICO, L. *Manual de jogos, dinâmicas e atividades de grupo*. Petrópolis: Vozes, 2011.



GABARITO

1. Para responder essa questão, é necessário que você aponte os seguintes aspectos: fundamentação teórica, seleção temática, conhecimento do local, material necessário, público-alvo, tempo, investimento e objetivos a serem desenvolvidos. É importante mencionar a relevância desses elementos para o sucesso do evento e de quais maneiras eles podem ser incluídos no planejamento.
2. Para melhor organizar cada atividade, indicamos que seu planejamento siga a orientação presente no Quadro 3 deste capítulo. Seu planejamento deve contemplar os seguintes elementos: nome da atividade, objetivo, descrição, recursos necessários, montagem, funcionamento, possibilidade de utilização, possibilidade de adaptação, experiências já desenvolvidas e outras observações. Escolha uma atividade que seja possível de ser desenvolvida em um clube. Lembre-se que essa atividade precisa abranger diferentes faixas etárias, além disso, não é obrigatório o uso de materiais. Esse exercício serve como uma possibilidade de você refletir sobre a estruturação do planejamento.
3. Devem ser considerados os seguintes elementos do recreador e sua equipe: nível de participação, interesse, envolvimento, silêncio; lideranças, disputas para liderar, os escutados e ignorados; influências positivas e negativas, interesse, conciliadores, participativos e construtivos; tomada de decisões do grupo (ou reação às decisões impostas); comportamento em relação às tarefas a serem executadas, solução de problemas, adaptações; atmosfera de grupo amistosa, parceira, empática; nível de pertencimento de cada integrante da equipe; normas seguidas, questionadas, modificadas. É importante mencionar brevemente a relevância desses elementos no planejamento.

5

Atividades de recreação e lazer

Neste capítulo, discutiremos a importância da realização de atividades de recreação e lazer bem estruturadas e planejadas de acordo com os objetivos e a solicitação do contratante. Essas atividades devem ser inclusivas e permitir a participação de todos os envolvidos no evento (tanto as equipes de trabalho quanto o público para o qual o evento foi destinado).

Selecionar as atividades em consonância com a temática do evento e seus objetivos pode ser considerada uma tarefa relativamente fácil e que não requer muito empenho do recreador. Essa compreensão pode ocorrer caso seja adotada uma visão reducionista, que não leve em consideração a importância de um evento de recreação e lazer. As atividades podem ocorrer nos mais diferentes espaços – ruas de lazer, colônias de férias, hotéis, hospitais etc. –, por isso precisamos de metodologias variadas.

Ao buscar espaços destinados à recreação e ao lazer, as pessoas geralmente têm ideias formadas sobre o tipo de atividades que podem realizar. Por exemplo, é comum pensar em passeios a cavalo como proposta de atividade na recreação de um hotel ou uma gincana em uma colônia de férias. É justamente sobre esses tipos de atividades que vamos discutir neste capítulo.

5.1



Vídeo



Atividades contextualizadas de recreação e lazer

Pensar em atividades e contextualizá-las de acordo com o ambiente no qual serão realizadas significa estudar e ampliar o repertório em relação ao que será proposto. Como vimos no Capítulo 4, é importante preparar previamente os locais onde serão realizadas as atividades e

ter algumas informações indispensáveis, como faixa etária, público-alvo, material necessário e objetivos, pois esses elementos são essenciais para o sucesso do evento.

Segundo Marcellino (2011, p. 9, grifo nosso), “ao falar em *repertório*, estamos querendo dizer da necessidade de interpretação de cada atividade, com base na experiência pessoal e profissional de cada um de nós, fundamentada em teoria, confrontada na ação do cotidiano e acompanhada do necessário exercício de reflexão constante”. Em outras palavras, o repertório é muito mais que conhecer inúmeras atividades, é pensá-las com fundamentação, refletir sobre as escolhas antes e após o evento e analisar o contexto em que serão realizadas.

Nesse sentido, deverá ser considerado o meio onde a atividade acontecerá, levando em conta as particularidades e especificidades do local, as possibilidades de limitação para o movimento (exemplo: recreação em ônibus e hospitais) ou a expansão do espaço físico – providenciar tendas ou lonas para garantir proteção contra sol ou chuva etc. Além disso, é fundamental considerar a população e demais seres que habitam esse local – no caso de gincanas ou corridas de aventura na natureza –, bem como o que denominamos de *conjunto sócio-histórico*, ou seja, se o local é uma área de preservação, se tem centros históricos, se a população local reside no local do evento e se há segurança para a realização das atividades.

As atividades não devem ser preparadas conforme um guia ou um conjunto de afazeres. Para cada tipo e local de recreação, algumas questões devem ser analisadas pelos recreadores, monitores e animadores. Pode-se, ainda, adaptar, modificar e repensar as atividades. Veja os exemplos a seguir:



Atividade 1

Para realizar atividades de recreação e lazer, é importante considerar alguns fatores e, caso seja necessário, realizar adaptações e modificações. Descreva os tópicos que devem ser analisados e considerados pelos recreadores em atividades de recreação e lazer.

- Preparar fichas para cada atividade a ser desenvolvida (conforme modelo de planejamento apresentado no Capítulo 4).
- Utilizar atividades que atendam às necessidades do evento, respeitando o público-alvo, sua faixa etária e as condições do ambiente onde elas ocorrerão.
- Utilizar atividades “já conhecidas” e, caso encontre novas proposições, “testar” a atividade antes, para que o planejamento aconteça conforme o esperado.
- Respeitar a classificação das atividades (por exemplo, atividades para ambientes internos), sua fundamentação teórica e objetivos, realizando mudanças, caso necessário, mas compreendendo o real propósito da atividade.

(Continua)

- Providenciar previamente o material necessário (não deixar para verificar no dia do evento) e discutir com a equipe de trabalho a organização do evento.
- Ter conduta acessível (animada, coerente, ética e sem expor os participantes), procurando estar ciente do evento como um todo e de cada parte que o compõe.

É oportuno lembrar que, caso as atividades sejam realizadas na natureza ou em locais onde haja periculosidade, o recreador, sua equipe e todos os participantes e envolvidos com o evento devem utilizar equipamentos de segurança. Nesse sentido, é imprescindível a presença de profissionais que possam garantir a segurança e o socorro dos participantes (caso haja necessidade). Assim, o recreador conseguirá, por meio de uma postura amistosa e empática, a melhor adesão dos participantes às proposições do evento.

As atividades, contudo, podem ser propostas somente com o objetivo de diversão e entretenimento. Em alguns casos, não é incomum elas deixarem de atender seus objetivos iniciais para serem somente uma forma de diversão, integração e relaxamento, como é o caso dos esportes. Para Marcellino (2011, p. 11), “há atividades que são consideradas ‘esporte’ quando praticadas com os devidos recursos e ‘esporte de lazer’ quando seu exercício visa apenas a diversão”.

O recreador deve propor atividades contextualizadas e supervisionar prontamente a execução dos participantes e equipes, garantindo que todos sejam incluídos e que tenham compreendido os objetivos da proposição. Marcellino (2011, p. 11) recomenda que “o equilíbrio entre [...] praticar, assistir, conhecer, [...] com base no nível que os participantes estiverem e, sendo ele conformista, procurar superá-lo pelo exercício de criticidade e criatividade”.

A Figura 1, ao lado, apresenta um grupo de idosos analisando um mapa de “caça ao tesouro”, atividade que pode ser realizada por diferentes faixas etárias – inclusive misturadas, como no caso de recreação em empresas ou clubes – e adaptada a diferentes tipos de locais.

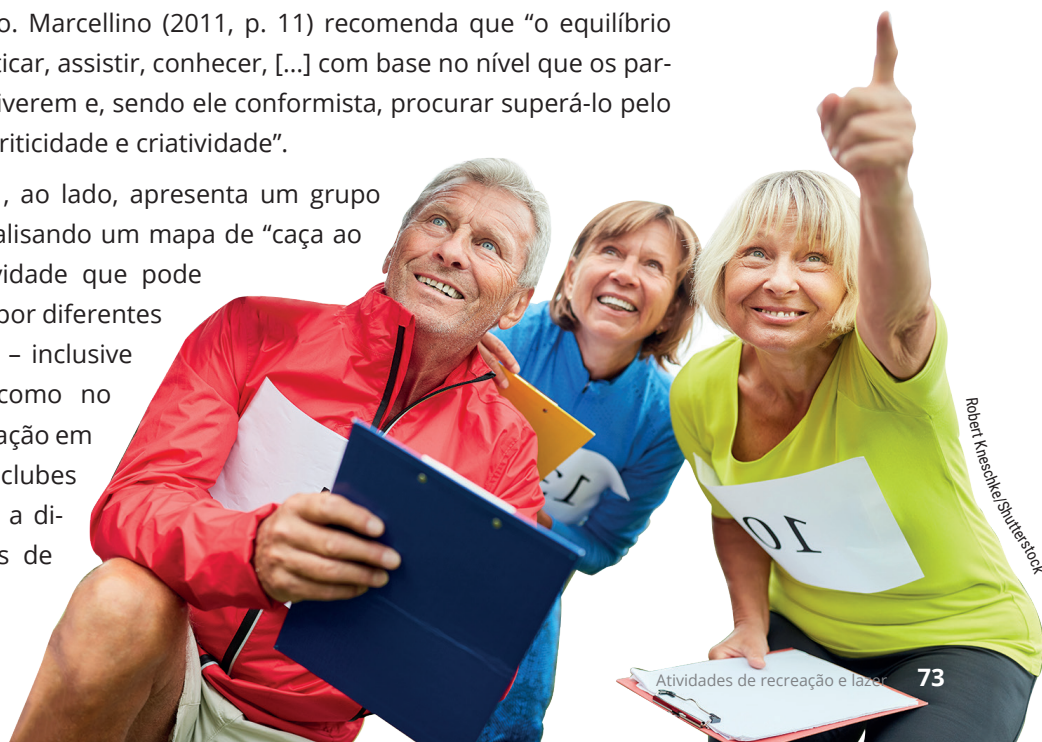
Filme

DOCUMENTÁRIO do lazer parte 1. 2018. 1 vídeo (8min30s). Publicado pelo canal Gabriel Soares Campelo. Disponível em: <https://youtu.be/hlZdidzptl-0>. Acesso em: 29 nov. 2019.

Este documentário nos apresenta o histórico das práticas de lazer e como elas foram se modificando ao longo do tempo.

Figura 1

Grupo de idosos analisa a pista de uma “caça ao tesouro”



Se a proposta da recreação for estruturar um torneio de voleibol, por exemplo, toda a organização (material, estrutura e atividades) deverá suprir as necessidades e demandas para o evento. Cabe ao recreador, por exemplo, tomar as providências necessárias caso determinada atividade seja realizada em local aberto e na data em questão chover.

Além disso, como já mencionamos, é importante planejar previamente as atividades, considerar um bom diálogo e ter uma relação respeitosa e harmônica com a equipe de trabalho. É crucial estudar, adaptar e flexibilizar os objetivos a fim de que eles sejam alcançados e o evento seja um sucesso.

Outros elementos que devem ser considerados quando pensamos em atividades é a identificação de lideranças, a identidade do grupo e o perfil de seus participantes. Aqui, nos referimos ao grupo que atuará no evento (recreacionistas e monitores), pois é essencial contar com “pessoas formadoras e verdadeiros educadores; apenas assim se pode ser realmente um animador, ou seja, aquele que é *anima* (alma) da coesão de um grupo” (TALLARICO, 2011, p. 19, grifo do original), para que, dessa forma, seja possível entusiasmar e animar os participantes (e o próprio grupo de trabalho também).

Após compreendermos e elencarmos alguns elementos-chave para a contextualização das atividades propostas, e ressaltarmos a importância de estruturar o trabalho em grupo – na maioria das vezes o recreador atuará em grupo, mas é possível também que atue sozinho –, convidamos você a refletir sobre como as atividades podem ser pensadas e adequadas, assunto que vamos discutir na próxima seção.

5.2



Vídeo



Adequação metodológica das atividades propostas

Para que a prática lúdica seja valorizada, respeitando os participantes e o ambiente, devem ser consideradas todas as possibilidades que as atividades recreativas e lúdicas propiciam a seus praticantes. Ao discutirmos a pertinência de planejar, executar e avaliar os eventos, devemos também mencionar que cabe ao recreador a tarefa de analisar e adequar as atividades propostas, pois, desse modo, serão minimizados possíveis erros e desconfortos para os participantes.

Como já mencionamos, a adequação da atividade de acordo com a faixa etária é algo extremamente pertinente. Se mencionarmos um evento para adolescentes, por exemplo, será necessário adequá-lo em virtude da exposição, rigidez e vergonha do desconhecido. Já para pessoas de melhor idade, também será necessário realizar adequações, pois os participantes, muitas vezes, têm limitações para determinadas práticas.

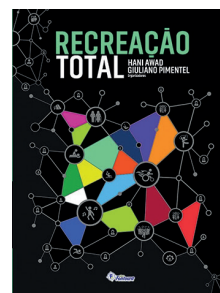
Contudo, quando propomos atividades para grupos que compõem uma equipe com diferentes faixas etárias, essa adequação não se torna um problema, já que encontramos pessoas com diferentes perfis, fato que auxilia no desenvolvimento e na aceitação da atividade.

Outro cuidado que deve ser tomado pelo recreador é em relação à estruturação de atividades de recreação em hospitais, na natureza e em empresas. O ambiente hospitalar, por exemplo, tem restrições. Em atividades na natureza, deve-se prevenir acidentes; nas empresas, é válido prestar atenção à postura dos trabalhadores em relação à aceitação do evento. Resumidamente, as atividades devem ser adequadas e pensadas de acordo com a metodologia utilizada.

Por isso, torna-se necessário o estudo prévio do local e o conhecimento do público que realizará as atividades, além do cuidado com o material e o local. Também, é necessário escolher a metodologia adequada e estabelecer objetivos a serem alcançados, levando em consideração critérios e posicionamento crítico. Esses elementos certamente proporcionarão ao recreador segurança e argumentos caso haja a necessidade de alguma justificativa.

Nesse sentido, pensar em adequação metodológica significa considerar cada um dos elementos presentes no planejamento e tentar a antecipação e previsão de imprevistos. Assim, as atividades propostas não se tornam um apanhado de atividades (uma coletânea), os ajustes são realizados de acordo com a faixa etária, local e material, e cada elemento envolvido no evento, desde a equipe que atua até os participantes, são analisados e considerados individualmente.

Livros



Recreação total

AWAD, H.; PIMENTEL, G. *Recreação total*. Várzea Paulista: Fontoura, 2015.

Para ampliar seu repertório de atividades e conhecimentos, indicamos a obra *Recreação total* (2015), de Hani Awad e Giuliano Pimentel. Nela, os autores indicam algumas reflexões e proposições para atividades de lazer em diferentes contextos e grupos.

5.3 Recreação e lazer no contexto escolar



Em virtude das demandas que a educação formal de qualidade requer, a escola, na condição de instituição formal de ensino, dispõe atualmente de pouco tempo para a realização de práticas de recreação e lazer.

Esse *tempo escolar* (aulas, horários, intervalos, etc.) é cartesiana-mente organizado e as crianças, principais agentes desse contexto, são convidadas a participar das atividades educativas planejadas e estruturadas pela equipe pedagógica.

Essas atividades, assim como calendários, espaços físicos e objetivos, são predeterminadas em função de uma carga horária, local e horário de aulas definidos, as quais são geralmente sequenciais e progressivas à medida que se avança nos anos de escolaridade.

Contudo, no tocante a atividades de recreio e lazer que possam ocorrer fora dessa programação tão funcional e bem estruturada, observa-se pouco interesse das instituições escolares. Infelizmente, algumas delas não possuem espaço físico ou materiais que possibilitem aos estudantes a prática dessas atividades.

O objetivo desta obra não é desqualificar a organização escolar ou propor a realização das atividades apenas de maneira lúdica ou aleatória. O que pretendemos é chamar a atenção para a necessidade latente que há nas crianças e adolescentes de praticar atividades de tempo livre. Ou, em outras palavras, frisamos que, muitas instituições de ensino, ao considerarem essas proposições como “menos importantes”, ignoram que esse é um direito de todo cidadão.

Nosso objetivo, então, é discutir a importância das atividades de recreação e lazer no contexto escolar e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, bem como a toda a comunidade escolar (familiares, professores, alunos e trabalhadores da escola).

Condessa (2009, p. 107) afirma que o recreio escolar pode ser aproveitado

enquanto espaço e momento para que a criança possa usufruir de um tempo livre e de fazer **retemperador**, de onde se lhe acrescente alento para melhor suportar as exigências de um ‘quotidiano’ cada vez mais apressadamente preenchido.

A_B Glossário

retemperador: que cria novo vigor (físico ou mental); que fortificar, revigora, revitaliza.

A autora aponta que pouco tempo sobra para que, de fato, o lúdico, a brincadeira, o jogo e o lazer (e aqui podemos citar o “fazer nada” como uma atividade de lazer) sejam realizados e aproveitados pelas crianças.

O brincar no ambiente escolar tem sido bastante utilizado nas proposições didáticas trabalhadas pelos professores. Estudos como os de Marcellino (2011) são um exemplo dessa questão. Contudo, ainda encontramos escolas que não apresentam espaços para a brincadeira e para o lúdico em seu projeto político pedagógico e em suas ações, seja em sala de aula ou fora dela.

Por outro lado, algumas escolas utilizam pátios, quadras poliesportivas e até brinquedotecas para propor experiências lúdicas e estimulantes aos estudantes. Essas escolas apresentam, em seus pátios ou espaços abertos, diferentes tipos de amarelinhas pintadas no chão, tabuleiros de xadrez, mesas para pingue-pongue e quadras de esportes. Além disso, elas podem disponibilizar, no recreio e nos momentos de entrada e saída dos estudantes, brinquedos, bolas, músicas e jogos, se for o caso.

Tais proposições apontam o entendimento e a preocupação dessas instituições escolares em relação à interação, à socialização, ao brincar e ao lazer das crianças e estudantes. Em certos contextos, esse momento na escola pode ser a única oportunidade do dia para brincar e se movimentar, seja por falta de espaço, seja pela realização de outras atividades ou, ainda, por segurança.

Silva (2011) propõe brinquedotecas como possibilidade de recreação no contexto escolar. Ela aponta que “a brinquedoteca surge no Brasil no início da década de 80 sob a influência das *toy libraries* (bibliotecas de brinquedos, que funcionavam emprestando brinquedos) e as *lekoteks* suecas (espaço lúdico de atendimento a crianças excepcionais)” (SILVA, 2011, p. 37, grifos do original).

É bastante comum associarmos somente brinquedos às brinquedotecas, mas se houver propostas lúdicas e condições que estimulem o brincar, uma brinquedoteca poderá funcionar sem a presença de brinquedos.

É importante considerar que a “principal implicação educacional da brinquedoteca é a valorização da atividade lúdica, que tem como consequência o respeito às necessidades afetivas da criança” (CUNHA, 1997

apud SILVA, 2011, p. 38). Desse modo, podemos pensar nas brinquedotecas dentro do ambiente escolar como convite e estímulo ao brincar, proporcionando a ação em um espaço acolhedor e seguro. Nesse contexto, a presença do recreador é fundamental, orientando, dirigindo e entusiasmando crianças e estudantes a brincarem nesses espaços.

A ação do recreador nas brinquedotecas é um pouco diferenciada se comparada a sua ação na escola ou em outros campos do lazer. Investido dessa função, ele passa a ser um facilitador da garantia do direito de brincar e de condições físicas em um espaço adequado e preparado para receber crianças e estudantes.

Para Silva (2011, p. 39), esse espaço será “o grande aliado do brinquedista/animador que atua na brinquedoteca, desde que ele tenha sido estruturado para tal finalidade”. Portanto, ao pensarmos em uma brinquedoteca na escola, devemos considerar que é imprescindível a presença de um brinquedista/animador e que o espaço deverá favorecer as ações lúdicas propostas.

Pensando novamente no ambiente escolar, cabe mencionar a sala de aula e o pátio como propostas para recreação escolar. Principalmente na hora do recreio, é comum observarmos crianças correndo, gritando, interagindo, brincando e jogando. Essa é uma excelente oportunidade para a escola propor, por exemplo, atividades em um recreio dirigido. Para Sarto e Benito (2011, p. 90, grifos do original), “o que se quer com recreio dirigido, além de uma melhor utilização do *pátio escolar*, não é impor atividades lúdicas às crianças, mas oferecer nesse momento de ‘liberdade’ oportunidade de socialização, interação e desenvolvimento pessoal”.

Sarto e Benito (2011, p. 90) analisam as escolas como “equipamentos não específicos do lazer, que contam com grandes possibilidades para o lazer, em termos de espaços, nos vários campos de interesse: quadras, pátios, auditórios, salas etc.”. Ela pode ser utilizada inclusive nos fins de semana com atividades artísticas, esportivas, culturais, manuais, sociais, entre outras. Essas atividades podem ser programadas tanto nas salas de aula quanto no pátio, com a presença de um recreador para conduzir e direcionar as proposições aos participantes.

Nas escolas, geralmente, há quadras esportivas, porém, sua utilização pelas crianças e estudantes fica restrita às aulas de Educação



Atividade 2

Explique a importância da recreação no contexto escolar, especificamente em quadras poliesportivas.

Física, não sendo permitido o uso em outros momentos. Também não é comum as escolas terem recreadores para trabalhar com as crianças e estudantes nesses momentos, mas, se os tivessem, esses espaços seriam mais bem aproveitados e os alunos poderiam se movimentar, brincar e interagir mais.

As atividades apresentadas nas escolas, seja qual for o espaço onde acontecerão, devem ser planejadas previamente pelo recreacionista e devidamente organizadas. Além disso, devem incluir todos e garantir que não haja cobranças em relação a desempenho ou *performance*. Pensar em recreação no espaço e no ambiente escolar significa, portanto, associar possibilidades lúdicas ao desenvolvimento das crianças/estudantes e trazer contribuições ao processo educativo como um todo. Brincar é importante e serve como alicerce e justificativa para o desenvolvimento de habilidades e aquisição e aprimoramento de conhecimentos.

5.4 Recreação e lazer em ambientes fechados —



Video



Nesta e nas próximas seções, vamos apresentar algumas atividades a fim de ilustrar elementos que foram discutidos ao longo desta obra, como a importância do planejamento, a contextualização das atividades e a adequação metodológica. Não temos a pretensão de apresentar essas atividades em forma de “receitas”, mas sim contribuir para o início da criação de um repertório, que certamente será ampliado com o decorrer das práticas realizadas e revisitado sempre que necessário.

A ideia é apresentar atividades em alguns ambientes diferenciados, que didaticamente classificamos em **ambientes fechados** e **ambientes abertos**. Essas atividades podem ser adaptadas e redirecionadas conforme a necessidade ou característica do evento. Recomendamos que você aprofunde seus estudos sobre esses ambientes, ampliando e oferecendo a diversificação e a democratização das práticas e conteúdos propostos em seus eventos.

Cumpramos ressaltar que as atividades propostas nos ambientes considerados fechados podem ser aproveitadas em outros contextos. Elas serão apresentadas seguindo a proposição do planejamento que vimos no Capítulo 4.

5.4.1 Colônias de férias

As atividades realizadas em colônias de férias geralmente ocorrem em períodos de férias laborais ou escolares e podem ser praticadas sem restrições. Elas são desenvolvidas com ou sem equipamentos e seus objetivos são a diversão, o prazer em realizar as atividades, a difusão de valores e a ludicidade. Veja o exemplo presente no Quadro 1.



Quadro 1

Atividade: Circuito das sensações

Objetivo	Explorar os sentidos.
Descrição	Os participantes são convidados a realizar o percurso de um circuito com estações que exploram ou estimulam os sentidos.
Recursos necessários	<ul style="list-style-type: none">• espaço amplo• vendas para os olhos• objetos e materiais diversos para as estações sensoriais que explorem os cinco sentidos• folhetos com tabela numerada das estações• lápis (1 por participante)• 5 monitores• 1 animador coordenador
Montagem	A equipe de animação deve preparar o circuito antecipadamente, bem como as fichas com as estações numeradas. Definir o funcionamento da atividade (sequência) para evitar tumulto.
Funcionamento	<p>As pessoas são convidadas a participar e o animador explica a atividade. Um monitor fica responsável pela entrada e saída dos participantes enquanto os demais acompanham 2 participantes. Depois de passar pelo circuito sensorial o participante recebe um lápis e uma ficha e deve registrar os objetos que sentiu. Após todos passarem, são contabilizados os objetos do circuito. Os participantes com a maior quantidade de acertos podem ganhar brindes. Exemplos de estações:</p> <p>audição: propor sons diversificados (vidro quebrando, carro acelerando, giz riscando etc.);</p> <p>paladar: degustar alimentos diferentes (farinha, doces, azedo);</p> <p>tato: caminhar descalço sobre algodão, casca de ovo, tentar descobrir um objeto com o toque das mãos;</p> <p>olfato: desvendar o odor de objetos, alimentos e especiarias.</p>

(Continua)

Possibilidade de utilização

As estações devem levar em conta a característica do público, sem restrição de faixa etária.

Possibilidade de adaptação

Pode ser feita uma caixa das sensações.

Experiências já desenvolvidas

Atividade já realizada com crianças de 6 anos.

Fonte: Marcelino, 2011, p. 77.

5.4.2 Clubes

São uma opção para a população vivenciar atividades de lazer, pois oferecem uma estrutura composta de equipamentos esportivos (quardas, piscinas, salas de jogos etc.), programações físico-esportivas diárias e semanais, e eventos sociais (bailes e *shows*) com maior segurança para seus frequentadores. O Quadro 2 mostra uma possibilidade de atividade nesses espaços:

**Atividade 3**

Por que os clubes são excelentes espaços para a realização de atividades de recreação e lazer? Justifique sua resposta.

**Quadro 2**

Atividade: Pernas voadoras

Objetivo

Conduzir a bola com os pés até o círculo determinado.

Descrição

O jogo colocará 2 integrantes de cada equipe dentro de um quadrado. Um com a função de conduzir a bola com os pés até o companheiro que está dentro do círculo. Os demais aguardarão nas laterais.

Recursos necessários

- 1 animador
- espaço onde possa jogar bola
- 4 círculos (desenhar com giz ou fita no chão)
- 1 bola
- giz, fita ou corda

(Continua)

Montagem

Deverão ser organizados 4 grupos, com o número igual de integrantes. No espaço é necessário demarcar um quadrado, cujos lados comportem todos os integrantes de cada subgrupo, alinhados lateralmente, atrás da linha. Cada componente de um subgrupo receberá um número, ou seja, todos os subgrupos terão seus integrantes numerados de 1 a 10, por exemplo. Dentro do quadrado, a uma distância de 1 metro, no meio da linha, cada subgrupo terá à sua frente um círculo. O animador estará no centro do quadrado com a bola na mão.

Funcionamento

O jogo se iniciará com o animador chamando 2 números: a pessoa representada pelo primeiro número de cada equipe se dirigirá para o centro do arco, enquanto os referentes ao segundo número ficarão dispostos dentro do quadrado e os demais participantes na linha lateral referente à sua equipe. O animador lançará a bola para o alto ou a colocará no chão, para que os integrantes do segundo número disputem o domínio da bola, com os pés, tentando conduzi-la para o companheiro que está dentro do círculo. Os participantes dispostos na lateral podem empurrar a bola para seus companheiros, mas não é permitido pisar na linha lateral ou invadir o quadrado. Será marcado ponto pela equipe que conseguir conduzir a bola até o representante dentro do círculo. Se assim acontecer, o animador chamará mais 2 números, continuando a atividade.

Possibilidade de utilização

Escolas, ruas do lazer, aniversários.

Possibilidade de adaptação

Poderão ser escolhidas equipes com o mesmo número de componentes ou repetir o número para a mesma pessoa.

Experiências já desenvolvidas

Clubes, festas de aniversário, colônia de férias.

Fonte: Marcellino, 2011, p. 67.

5.4.3 Salas de aula

As proposições para sala de aula são interessantes, pois geralmente esse é um lugar esquecido. Nele, é possível realizar diferentes tipos de atividades que aproximam os participantes e os incentivam a participar de proposições mais lúdicas e prazerosas. O Quadro 3 mostra um exemplo de proposição para sala de aula:



Quadro 3

Atividade: Poste elétrico ou choque

Objetivo	Descobrir quem iniciou o choque.
Descrição	Esta atividade permite o desenvolvimento da atenção e da observação dos participantes.
Recursos necessários	<ul style="list-style-type: none">• Espaço• Animador
Montagem	O animador solicitará que os participantes se organizem em círculo e fiquem sentados de mãos dadas. Pedirá que um dos participantes saia da sala. Após a saída desse participante, informa-se quem será o poste elétrico que fará a descarga elétrica inicial.
Funcionamento	Todos deverão estar de mãos dadas, com as pernas cruzadas e os cotovelos apoiados nos seus joelhos, para que as mãos não fiquem escondidas. O participante denominado de poste elétrico deverá dar início à brincadeira, apertando a mão da pessoa que estiver ao seu lado (direita ou esquerda). Esta, por sua vez, deverá apertar a mão de seu vizinho e assim sucessivamente. O participante que ficar de fora do círculo se posicionará dentro dele e, observando, deve tentar descobrir por onde está passando a descarga elétrica. Terá 2 chances para descobrir quem está dando o choque; se acertar, troca de lugar com essa pessoa, se errar nas 2 possibilidades, outro participante será escolhido.
Possibilidade de utilização	Espaços abertos ou fechados e ampla faixa etária.
Possibilidade de adaptação	Atividade de volta à calma nas escolas ou clubes, <i>spas</i> etc.
Experiências já desenvolvidas	Escolas e clubes.

Fonte: Marcellino, 2011, p. 96.

5.4.4 Meio aquático (piscina)

A recreação na piscina é a mais comum quando pensamos em meios aquáticos. É necessária a ação orientada de um animador, que não apenas planeje, execute e avalie as atividades, mas também tenha habilidade caso haja necessidade de alguma intervenção na piscina. Além disso, é importante conseguir trabalhar tanto com grandes grupos quanto com grupos pequenos, e, também, ter a previsão adequada da quantidade de materiais conforme a quantidade de participantes. Outro requisito de igual valor é considerar a temperatura da água, a limpeza, boias e equipamentos de segurança e, em caso de piscinas abertas, a incidência de raios em dias de chuva. O Quadro 4, a seguir, refere-se a um exemplo de atividade recreativa em piscinas.



Quadro 4

Atividade: Alerta

Objetivo	Desenvolver a atenção e a agilidade de forma lúdica.
Descrição	Um dos participantes lança a bola para o alto e chama por outro colega. Este deve pegá-la o mais velozmente possível e queimar com a bola o colega mais próximo.
Recursos necessários	<ul style="list-style-type: none">• 1 animador• 1 bola, leve, de plástico ou biribol• Piscina
Montagem	O grupo é convidado a participar e o espaço é delimitado.
Funcionamento	O animador convida um dos participantes a iniciar o jogo e pede que ele fique com a bola no centro da piscina, com os demais próximos a ele. O jogo começa quando o participante lança a bola para cima e chama outro colega. Os demais devem tentar fugir enquanto este pega a bola. Quando o participante chamado pega a bola, deve gritar “alerta” e todos devem parar imediatamente. O jogador com a bola deve dar 3 passos e tentar queimar alguém. Caso acerte, ele lançará a bola, e, se errar, aquele que foi chamado deverá lançá-las.

(Continua)

**Possibilidade
de utilização**

Dinâmica de apresentação de pessoas e em diferentes ocasiões.

**Possibilidade
de adaptação**

Formar duplas.

**Experiências
já desenvolvidas**

Natação para crianças.

Fonte: Marcellino, 2011, p. 147.

5.5 Recreação e lazer em ambientes abertos —

 Vídeo



As atividades de recreação e lazer em ambientes abertos requerem maior atenção e cuidado em seu planejamento. O recreador deverá considerar fatores como clima, vegetação, habitantes do local, bem como a preservação e o uso de materiais de segurança (caso necessário). É crucial conhecer previamente o local e solicitar autorização nos órgãos competentes, caso seja necessário. A equipe de trabalho deve estar atenta quanto ao risco de acidentes e outras opções de atividades caso haja uma mudança climática inesperada.

5.5.1 Meio-ambiente (natureza)

Ao pensarmos em recreação no meio ambiente, devemos considerar que há, nesse espaço, além da paisagem natural, seres vivos que o habitam. As atividades de lazer e recreação na natureza podem ser realizadas tanto na área urbana quanto na área rural. O planejamento deve ser formulado buscando recursos naturais, minimizando as ações humanas e propondo práticas sustentáveis e com responsabilidade. O recreador/animador deve sempre conscientizar o grupo antes de realizar as atividades, ressaltando a pertinência da preservação e de boas ações em relação ao meio ambiente. Veja um exemplo de atividade no Quadro 5:



Quadro 5

Atividade: Analisando a trilha

Objetivo	Aprender e tomar consciência sobre diversos seres vivos, observar a área da trilha e a natureza.
Descrição	Atividade realizada na trilha, em área natural, cujos participantes têm a possibilidade de aprender sobre diversos seres vivos, com base na observação de uma área escolhida e demarcada na trilha.
Recursos necessários	<ul style="list-style-type: none">• Área ampla ao ar livre (trilha, jardim, quintal, área verde)• Grupo participante• Animador• Lupas• Barbante• Pequenas cadernetas de papel• Canetas
Montagem	Recomenda-se que o animador selecione previamente uma trilha rica em espécies animais e vegetais, a fim de possibilitar condições para uma observação mais detalhada e variada.
Funcionamento	Cada dupla recebe uma lupa e um pedaço de barbante. Em seguida, a dupla escolhe um percurso da trilha onde está sendo feita a caminhada. No local escolhido, o barbante será estendido sobre o solo e a dupla deverá analisar com a lupa cada centímetro dessa pequena área (folhas em decomposição, formigas, pequenos besouros, galhos de árvores). Tudo o que for observado deverá ser anotado para posterior exposição ao grupo e discussão. É importante explicar que nada deverá ser arrancado ou coletado, apenas observado e anotado.
Possibilidade de utilização	Trilha na floresta ou numa área com vegetação e possibilidade de presença de pequenos seres vivos no solo (jardim de uma escola, quintal de casa). Sem limitação de faixa etária.
Possibilidade de adaptação	Se a trilha não abrigar muitos elementos para serem observados, o animador pode espalhar alguns materiais na trilha (folhas secas, insetos vivos e mortos, sementes etc).
Experiências já desenvolvidas	Atividade feita em unidades de conservação ambiental.

Fonte: Marcellino, 2011, p. 135.

5.5.2 Comunidades

Marcellino (2011, p. 171) define *comunidade* como “um conjunto de pessoas (população), com objetivos e interesses comuns, que ocupa, num determinado tempo, um mesmo espaço”. Esses objetivos comuns podem estar associados à recreação e ao lazer; organizar eventos pode ser uma boa oportunidade para planejar, realizar e avaliar atividades. O animador deverá valorizar a identidade do grupo, trazendo atividades que ressaltem e enalteçam valores e características do local. Veja um exemplo no Quadro 6 a seguir:



Quadro 6

Atividade: Festival dos jogos gigantes

Objetivo	Trabalhar com os participantes jogos de mesa “gigantes”.
Descrição	Consiste na montagem e utilização de jogos de mesa em tamanho descomunal. Exemplos: tabuleiros de dama pintados em lona de 4 m x 4 m, com pedras confeccionadas de placas de compensado; quebra-cabeças confeccionados com placas de compensado ou assemelhado, com peças pintadas e recortadas nos moldes das peças tradicionais. Geralmente, “bases” (tabuleiros, caminhos etc.) são pintadas em lonas no chão e as “pedras”, feitas de madeira. Outros materiais podem ser utilizados. Os palitos dos jogos tradicionais podem ser transformados em cabos de vassoura ou varetas inteiras de pipa. Em jogos que envolvam dados, estes podem ser confeccionados em blocos de espuma, com ou sem capas de pano.
Recursos necessários	Os materiais variam de acordo com os jogos. Os mais comumente usados são: <ul style="list-style-type: none">• lonas• placas de compensado• latas• blocos de espuma• tinta• pincéis• grandes espaços• som ou megafone• animadores (1 para cada grupo de jogos)

(Continua)

Montagem	Distribuição de jogos pelo espaço (recomenda-se planejamento anterior, verificando-se espaços sombreados, choque com outras propostas a serem desenvolvidas simultaneamente).
Funcionamento	Convidar o público a participar, fixando limites para rodízio na utilização. Fazer a demonstração de jogos pouco conhecidos.
Possibilidade de utilização	Grandes espaços, locais fechados ou abertos.
Possibilidade de adaptação	Pintar os tabuleiros no chão, usar latas para confeccionar as peças dos jogos, usar as pessoas para serem as peças dos jogos, desenvolver festivais com a comunidade.
Experiências já desenvolvidas	Atividade já desenvolvida em comunidades.

Fonte: Marcellino, 2011, p. 182.

5.5.3 Quadras esportivas

As quadras esportivas já são projetadas para a realização de atividades de lazer. Em geral, encontramos nelas a demarcação para jogos de vôlei, futebol, handebol e basquete. Talvez esse seja o ambiente mais lembrado quando pensamos em atividades de lazer. Trata-se de um espaço público ocupado nas cidades e as atividades realizadas nele muitas vezes são livres de regras e acompanhadas de animadores ou recreacionistas. O Quadro 7 mostra uma possibilidade de atividade.



Quadro 7

Atividade: Pega fita

Objetivo	Coletar a maior quantidade de fitas que conseguir.
Descrição	<ul style="list-style-type: none">• Organizar o grupo em equipes A e B.• Cada uma deverá ocupar a metade da quadra, usando coletes de cores diferentes.• O animador deve entregar um pedaço de fita a cada um dos participantes (pode ser como a cor do colete).• Cada jogador deve pendurar sua fita na parte posterior de sua calça ou calção.• Ao sinal do animador, todos devem sair de seus campos em busca de fitas.• Se o jogador perder a fita poderá permanecer no jogo.• Vence a equipe que conseguir pegar todas as fitas da equipe adversária.
Recursos necessários	<ul style="list-style-type: none">• Quadra• Coletes• Fitas• Animador
Montagem	Os participantes são convidados pelo animador a participar da atividade, recebendo 1 colete e 1 fita.
Funcionamento	Após a montagem, o animador orienta que cada equipe fique em uma metade da quadra. O jogo acontece em tempo indeterminado ou até que uma equipe colete todas as fitas da outra.
Possibilidade de utilização	Em qualquer evento que tenha a quadra como espaço. Usar coletes e fitas de cores diferentes.
Possibilidade de adaptação	Caso a quadra não tenha marcação, esta poderá ser feita com riscos de giz.
Experiências já desenvolvidas	Escolas, gincanas e colônias de férias.

As atividades elencadas neste capítulo consistem em possibilidades de atividades de lazer para serem desenvolvidas em diferentes ambientes e contextos. Indicamos que, com base nessas sugestões, você busque outras atividades e estruturar um portfólio com temáticas possíveis de serem executadas. Isso facilitará na estruturação de seus planejamentos de trabalho, já que sua organização já estará pronta e devidamente catalogada. Lembre-se de sempre realizar a estruturação de seu planejamento e de avaliar as atividades ao final de cada evento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, buscamos refletir sobre as atividades ofertadas em eventos de recreação e lazer. Discutimos a importância de essas atividades serem contextualizadas, levando em consideração o espaço físico, o perfil do grupo, os objetivos que se pretende atingir e a relevância da coesão e do entusiasmo no grupo que atuará durante o evento.

Discutimos também o alto valor de atividades adequadas metodologicamente, isto é, atividades pensadas e organizadas de acordo com o ambiente em que elas serão realizadas (planejadas e organizadas previamente). Ainda, apresentamos reflexões sobre a recreação no espaço escolar e as contribuições dessas atividades para o desenvolvimento, aprendizagem, socialização e interação dos estudantes e, por fim, apresentamos algumas possibilidades de atividades a serem trabalhadas em ambientes fechados e abertos. Esperamos que nossas proposições e reflexões tenham contribuído de maneira positiva para a ampliação de seus conhecimentos.



REFERÊNCIAS

CONDESSA, I. C. *(Re)aprender a brincar: da especificidade à diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2009.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e recreação: repertório de atividades por ambientes*. Campinas: Papirus, 2011.

SARTO, K. C.; BENITO, R. Propostas de animação para ambientes escolares (pátios e salas de aula). In: MARCELLINO, N. C. *Lazer e recreação: repertório de atividades por ambientes*. Campinas: Papirus, 2011.

SILVA, D. A. M. Propostas de animação para brinquedotecas. In: MARCELLINO, N. C. *Lazer e recreação: repertório de atividades por ambientes*. Campinas: Papirus, 2011.

TALLARICO, L. *Manual de jogos, dinâmicas e atividades de grupos*. Petrópolis: Vozes, 2011.



GABARITO

1. Para responder a essa questão, você deverá elencar as seguintes proposições:
 - Preparar fichas para cada atividade a ser desenvolvida.
 - Utilizar atividades que atendam às necessidades do evento.
 - Utilizar atividades “já conhecidas” e, caso encontre novas proposições, recomendamos testar a atividade antes, para que o planejamento aconteça conforme o esperado.
 - Respeitar a classificação das atividades, sua fundamentação teórica e objetivos, realizando mudanças caso necessário.
 - Providenciar previamente o material necessário e discutir com a equipe de trabalho a organização do evento.
 - Ter conduta acessível, animada, coerente e ética.
2. Para responder a essa questão, é importante ressaltar que geralmente há quadras esportivas nas escolas, porém, sua utilização pelas crianças e estudantes restringe-se às aulas de Educação Física. Além de não ser permitida a utilização das quadras em outros momentos, também não é muito comum as escolas terem recreadores para trabalhar com os alunos. Vale mencionar, também, que as atividades apresentadas nas escolas, seja qual for o espaço onde elas acontecerão, devem seguir diretrizes da ludicidade, da diversão. Ademais, elas devem ser planejadas e organizadas previamente pelo recreacionista e, ainda, garantir que não haja cobranças em relação a desempenho ou *performance*.
3. Os clubes são uma interessante possibilidade para a prática de atividades de recreação e lazer. Isso se deve à estrutura física que possuem, pois, em geral, eles contam com salas para jogos, quadras poliesportivas, piscinas, campos de golfe, parquinhos para crianças, uma vasta agenda social (bingos, bailes, *shows*), colônias de férias etc. Os clubes frequentemente apresentam a seus associados atividades de lazer estruturadas e executadas por equipes de recreadores capacitados.

Esta obra propõe o estudo da recreação e do lazer, desde o seu surgimento até os dias de hoje. Discute também a importância da formação profissional do recreador e os atributos necessários para que ele desempenhe um papel relevante, organizado e eficaz na realização de planejamentos detalhados e funcionais em suas atuações. Sem a pretensão de apresentar um rol de atividades, o intuito deste livro é oferecer condições para que o leitor possa elencar atividades em consonância com os conhecimentos adquiridos nesta obra e que saiba avaliar em suas escolhas elementos como espaço, público-alvo, material e formação da equipe de trabalho.

Código Logístico



59001

Fundação Biblioteca Nacional
ISBN 978-85-387-6550-9



9 788538 765509